GRANDES ÍDOLOS DA MÚSICA

JOHN LENNON

A verdadeira face do gênio musical e ícone da paz

EDIÇÃO DE COLECIONADOR

alto astral

R$ 12,90

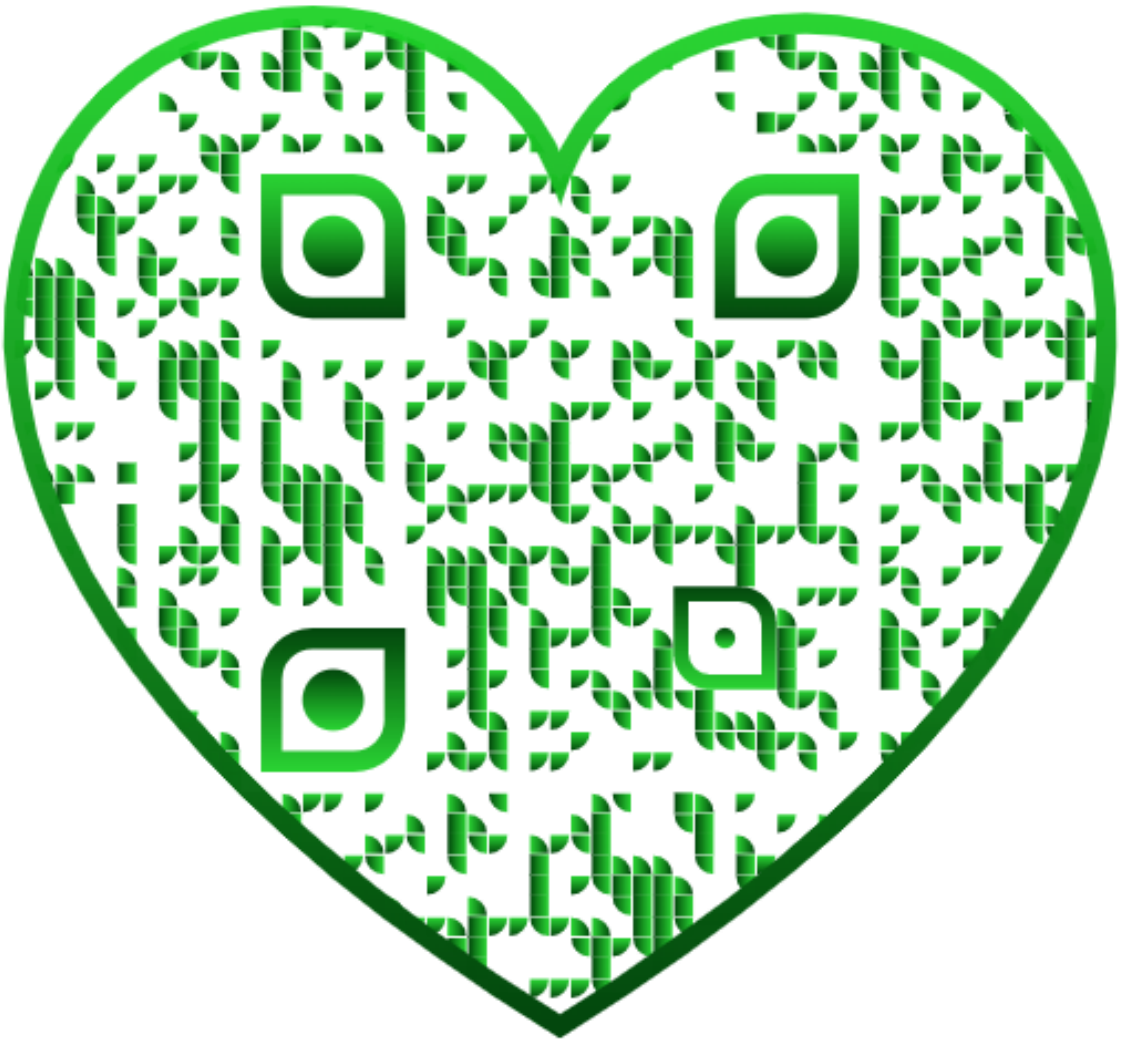
Grandes Ídolos da Música - Ano 1, nº 2 - 2015

7 897710 209235

o homem e o mito

35 anos depois de sua morte, John Lennon ainda influencia a humanidade com sua música e suas ideias

E MAIS: A INFÂNCIA CONTURBADA • O SUCESSO COM OS BEATLES • A PARCERIA COM PAUL • O CASAMENTO COM YOKO ONO • O DIA DE SUA MORTE EM DETALHES



Lennon eterno

Você talvez o conheça como um dos Beatles ou como o autor da bela canção "Imagine". Pode ser ainda que ele seja apenas aquele rapaz cabeludo de óculos de bordas redondas que fala sobre paz e é casado com aquela artista japonesa. Mas uma coisa é fato: é difícil encontrar quem não conheça John Lennon.

Na Liverpool arrasada pela guerra, o pequeno John cresceu em meio a turbulenta família e, na juventude, queria ser como Elvis e outros tantos astros do rock'n'roll que admirava. Quando montou sua própria banda, tinha o sonho de ser famoso, mas talvez jamais imaginasse que um dia seria um dos maiores artistas do século 20 e um militante político cuja voz motivou milhões em todo o mundo.

É essa trajetória de altos e baixos – porém, sempre muito intensa e cheia de emoções – que trazemos para você. No momento em que o mundo relembra os 35 anos de sua trágica morte, suas músicas e seu discurso se tornam cada vez mais atuais e necessários para o mundo.

Boa leitura!
Os editores

Índice

O MITO
04 Curiosidades
06 O legado de John
10 O assassinato

O HOMEM
15 A família Lennon
18 Infância conturbada
22 As mulheres de John

O ARTISTA
26 O início dos Beatles
30 A conquista do mundo
32 O fim da banda

A OBRA
36 A rica parceria com Paul
38 As fases de sua obra
42 A vida pós-Beatles

A LEMBRANÇA
48 Famosos falam do ídolo

Isso é John Lennon!

Os fatos mais curiosos da vida de um dos artistas mais geniais do século 20

Texto **Thiago Koguchi** | Design **Vanessa Sueishi**

John Lennon se tornou um ícone muito maior do que talvez jamais poderia imaginar. É quase impossível e injusto resumir seu legado a apenas um ou outro fato, afinal, não falamos apenas de um dos maiores artistas do século 20, mas também de homem que influenciou gerações com sua militância. Mas alguns números e certas histórias podem dar uma ideia da grandiosidade de sua genialidade.

Números

600 milhões!

Os números variam bastante, mas, de acordo com uma estimativa, os Beatles já venderam mais de 600 milhões de discos em todo o mundo desde sua criação – sendo um terço deles somente nos Estados Unidos, de acordo com a Associação da Indústria de Gravadoras da América (RIAA, na sigla em inglês).

32 milhões

É o número de cópias vendidas, segundo o jornal espanhol ABC, do álbum *Sgt. Pepper´s Lonely Hearts Club Band*, lançado em 1967. *Abbey Road* é o segundo mais vendido, com aproximadamente 30 milhões – considerando somente os lançamentos inéditos. Os dois estão entre os 20 mais vendidos de todos os tempos.

"1"

Em relação a coletâneas, "1" é a mais vendida até hoje: 31 milhões de cópias em todo o planeta.

11

Em sua carreira solo, John Lennon gravou 11 discos em estúdio. O último deles, *Double Fantasy*, foi lançado apenas três semanas antes de sua morte e se tornou o mais vendido, com mais de 3 milhões de cópias.

626 mil

Foi o número de discos vendidos em uma semana quando a EMI, detentora das músicas dos Beatles, relançou todo o conteúdo da banda no dia nove de setembro de 2009. Na lista chamada *Top Catalog Album Chart*, o grupo ocupou 15 dos 18 primeiros lugares no período.

Fotos: iStock/Getty Images

Curiosidades

US$ 4 mil

Foi quanto um chinês pagou por uma mecha do cabelo de Lennon em um leilão organizado pela Feira de Discos do Colecionador de Girona, na Espanha. O beatle havia dado o presente para uma fã depois de um show em Denver, nos Estados Unidos, em agosto de 1964.

29 vezes

É o número de advertências que John recebeu entre 9 de setembro de 1955 e 11 de julho de 1956 na Quarry Bank, sua escola em Liverpool. O registro foi feito pelo próprio Lennon em uma folha, em que anotava a quantidade de vezes, as datas e os motivos, entre os quais estão "xingar o professor", "conduta estúpida", "fazer comentários sem sentido", "chegar atrasado", "não prestar atenção" e "não se apresentar à sala de castigo".

A capa

A icônica capa da revista *Rolling Stone* em que John aparece nu abraçado à Yoko Ono foi eleita a melhor de todos os tempos. Em uma seleção organizada pela Sociedade Americana de Editores de Revistas, mais de 450 capas foram analisadas, inclusive de grandes publicações como *Time*, *Newsweek*, *National Geographic* e *Esquire*.

O parque

Em Havana, capital de Cuba, existe o Parque John Lennon. No local, há uma estátua do cantor feita de bronze e que foi inaugurada em oito de dezembro de 2000, em homenagem aos 20 anos de sua morte. Aos pés do banco onde a escultura está "sentada", existe uma placa inscrita com um trecho da música *Imagine*, em espanhol.

O segundo

John é o segundo beatle mais velho – nasceu pouco menos de três meses depois que Ringo Starr. George Harrison é o "caçula" da banda.

Lennon ou McCartney?

Que Paul McCartney foi um dos melhores amigos e o maior parceiro musical de John Lennon, não há dúvidas. Muitas canções dos Beatles foram atribuídas à dupla, inclusive com a famigerada assinatura Lennon/McCartney. E se você tivesse que escolher somente um? Foi a pergunta que a Scare Goose Productions, uma produtora dos Estados Unidos, fez a 550 celebridades durante 10 anos de entrevistas. As respostas – e o mais escolhido entre os participantes – podem ser conferidas no documentário *Lennon Or McCartney*. Assista ao vídeo no link: **bit.ly/16K3Gxw**

Fotos: iStock/Getty Images / Wikimedia Commons

Sonhar (ainda) é preciso

A ideologia de John Lennon se recusa a envelhecer enquanto o mundo se negar a cultivar a paz

Texto **David Cintra** | Design **Vanessa Sueishi**

O ano de 2015 ficará marcado por (mais) uma crise humanitária na Europa. Aos milhares, refugiados da guerra na Síria se lançaram ao mar em busca de novas perspectivas de vida. Em busca de paz. Muitos não completaram a travessia do Mediterrâneo feita em botes improvisados. E a maioria dos que a completaram não pode falar que tenha encontrado algo muito melhor. Por que o risco? Simples: as chances de morrer eram ainda maiores se ficassem.

E o que isso tem a ver com John Lennon? Basta imaginar se ele estivesse vivo. Faria uma música? Talvez. Um pronunciamento polêmico? Talvez. Publicaria uma mensagem aberta contra a Europa? Talvez. Mas uma coisa é certa: não se calaria. E isso diz muito sobre uma das figuras mais icônicas do século 20, além de revelar sua relevância para os dias atuais.

Não por acaso, nas muitas homenagens feitas pelo mundo afora no 75º aniversário do ídolo, uma das que mais chamou a atenção aconteceu no Central Park, em Nova York, dois dias antes da data, onde uma multidão se reuniu para formar o símbolo da paz em homenagem ao ídolo. Entre os manifestantes, diversos cartazes pediam o fim da guerra na Síria. Um deles lembrava uma frase de John: "façam amor e não guerra".

Um rebelde em luta permanente por muitas causas, especialmente a paz, John soube como poucos usar a arte para expressar suas opiniões políticas, assim como sentimentos íntimos. Suas músicas – algumas vezes de maneira enigmática, outras com um pé no discurso panfletário, mas sempre sustentadas por uma genialidade poética ímpar – incitam à reflexão, fazem pensar. Em uma época marcada por expressões de ódio, discriminação, xenofobia, terrorismo, violência de Estado e agressões ao meio ambiente, o discurso pacifista, humanista e libertário de John Lennon soa ainda mais atual. Esmiuçar suas ideias dificilmente trará uma solução imediata para qualquer um dos problemas que aflige a humanidade, mas certamente mostrará caminhos alternativos bem mais promissores que os que têm levado milhares a abandonar suas origens em busca do incerto.

Mostrando as garras

O engajamento de Lennon em causas sociais e políticas se manifestou um pouco mais tardiamente que seu talento musical. Se em termos artísticos Elvis Presley foi sua maior

Foto: Chrisdorney/Shutterstock.com

Multidão forma o símbolo da paz para homenagear Lennon em Nova York, em outubro desse ano

referência, no campo político não há dúvidas de que Bob Dylan teve influência decisiva. Foi ele que mostrou a John – e toda uma geração – que a arte poderia ser também um canal de manifestação de ideias, embora seja difícil afirmar quando e como exatamente a semente revolucionária germinou na mente de Lennon. É famoso um episódio de 1963, em que os Beatles se apresentavam no *Royal Variety Performance*, evento anual organizado pela família real britânica. Diante da rainha-mãe e inúmeros membros da nobreza, Lennon soltou (em tradução livre): "para nosso último número, gostaria de contar com a ajuda de vocês. O pessoal sentado no fundo bata as mãos e os demais apenas balancem as joias". Uma ironia que soou desrespeitosa para com a realeza presente, mas certamente representava milhões de garotos ingleses. Desde aquela apresentação, a imprensa e parte do público percebeu que havia muito mais por trás das franjas do "Quarteto Fabuloso".

Em 1965, depois de se aproximarem de Dylan – que alguns biógrafos afirmam ter os apresentado às drogas – os Beatles gravaram o álbum *Revolver*, um verdadeiro divisor de águas na carreira da banda. Com arranjos mais complexos e letras que superavam os sonhos de amor adolescente, *Revolver* evidenciava que algo havia mudado. E, realmente, aquele foi um ano marcante não apenas para o músico, mas para o pensador John Lennon. Nessa época, teria confessado assim suas inquietações ao amigo de infância Pete Shotton (em tradução livre): "Quanto mais eu tenho, quanto mais vejo e mais experiência adquiro, mais confuso eu fico em relação a quem eu sou e sobre que porra é a vida". Certamente sua cabeça fervilhava.

Ainda nesse período, por sugestão do amigo George Harrison, Lennon teria tido contato com livros religiosos como o *Bhagavad Gita* e o *Livro Tibetano dos Mortos*, além de ter aprofundado um pouco em leituras da Bíblia. Isso, aliado ao sucesso mundial e uma incipiente filosofia de vida que começava a brotar em sua mente, pode ter influenciado em sua mais famosa e polêmica declaração: "O cristianismo vai acabar. Vai se dissipar, depois sucumbir. Nem preciso discutir isso. Estou certo e o tempo vai provar. Hoje somos mais populares do que Jesus Cristo. Não sei o que vem primeiro, o rock'n'roll ou o cristianismo. Jesus era legal, mas seus discípulos eram estúpidos e ordinários". A frase caiu como uma bomba, especialmente nos Estados Unidos.

Certo ou errado, disse isso com naturalidade e coragem, qualidades raras em astros da música de qualquer época. Porém, a pressão para que se desculpasse foi grande. Poucos dias depois, em uma entrevista coletiva com a presença do quarteto, ele foi um pouco evasivo e deixou claro que as pessoas o interpretaram mal, uma vez que em nenhum momento disse que eles eram "melhores" ou "maiores" que Jesus, mas sim que eram mais conhecidos – o que possivelmente fosse verdade, afinal, o Cristianismo não é a religião mais praticada em muitos países em que os Beatles eram famosos. Curiosamente, anos depois ele disse ter se arrependido de ter "voltado atrás" e em sua música mais famosa (*Imagine*) faz um ataque até mais forte a todas as religiões.

Foto: Wikimedia Commons

> *All you need is love ainda pode ser considerado um hino pacifista e, apesar de toda a simplicidade da mensagem, cabe muito bem no mundo atual, em que o ódio parece ter triunfado*

Revolução às avessas

A militância de Lennon pela paz se cristalizou realmente em uma canção pela primeira vez em 1967, embora ele já tivesse composto letras com teor político, como *A Day In The Life*, no álbum *Sgt. Peppers*. Convidados como atração principal da primeira transmissão ao vivo via satélite da BBC, os Beatles cantaram para um público estimado de 350 milhões de pessoas ao redor do planeta, uma canção inédita, composta por John, que de certa forma resumia a ideologia hippie. *All you need is love* ainda pode ser considerado um hino pacifista e, apesar de toda a simplicidade da mensagem, cabe muito bem no mundo atual, em que o ódio parece ter triunfado.

Pouco tempo depois, uma outra composição dele causaria polêmica. No agitado verão de 1968, em diversos países os jovens iam às ruas para protestar, contra guerras ou por mais liberdade, e a palavra-chave deixara de ser "paz e amor" e passara a ser "revolução". Lennon resolveu então explicitar sua posição através de sua grande especialidade e compôs *Revolution*. O resultado não agradou os revolucionários de plantão, uma vez que na canção ele pedia para não contarem com ele para uma revolução que incluísse "destruição", além de deixar claro que não contribuiria com dinheiro "para pessoas que odiavam" e incitando os jovens a "mudarem a cabeça", no lugar de se filiarem a instituições. A revolução de Lennon não incluía a violência. Ghandi era a referência óbvia.

Representantes da esquerda britânica, envolvidos em verdadeiras batalhas de rua, não deixaram passar em branco e o jornal *Black Dwarf*, bastante representativo da "nova esquerda" inglesa da época, publicou uma "carta aberta a John Lennon", assinada pelo jornalista John Hoyland, na qual a posição de Lennon era bastante criticada. John respondeu com uma "Carta muito aberta", reafirmando sua posição antiviolência. Sem entrar no mérito da questão, o que o episódio mostra está além das ideologias de um lado e outro: Lennon tinha uma mensagem para o mundo e fazia questão de discuti-la, com quem quer que fosse, mesmo sendo um dos mais renomados astros do rock. Ele não precisava disso e, com certeza, faria muito mais sucesso de compusesse canções de amor.

Luta incompreendida

Ironicamente, porém, foi o amor que o fez mergulhar na militância. Nada mudou tanto John como sua união com Yoko Ono. E nada reforçou tanto sua convicção de usar a fama como arma para divulgar sua mensagem pacifista. Aliás, após conhecer Yoko, Lennon realmente deixava de ser um compositor de músicas pop para se tornar uma espécie de filósofo (não no conceito acadêmico, claro). Quando resolveram oficializar a união, em março de 1969, sabendo que a imprensa estaria babando por imagens do casamento (e da lua de mel) de uma das maiores celebridades da época, o casal optou por fazer o famoso "bed-in" de sete dias, no qual divulgou a causa da paz. Pouco compreendida na época (e, talvez, ainda hoje) por ser considerada "sem eficácia", o resultado da ação é imensurável, uma vez

Após fim dos Beatles, John raramente aparecia sem Yoko a seu lado

Foto: Wikimedia Commons

Trabalho e tragédia

As últimas horas de John Lennon foram marcadas por uma agenda intensa, entusiasmo e a estupidez de um assassino absolutamente frio

Texto **David Cintra** | Design **Vanessa Sueishi**

Em 9 de outubro de 1980 John Lennon completou 40 anos de vida. As pessoas que conviviam com ele percebiam que aquele era um de seus melhores momentos em relação às questões pessoais. Talvez, o melhor. Naquele ano, quebrara uma pausa de cinco anos sem envolvimento com a música. *Double Fantasy*, álbum em parceria com a esposa Yoko Ono, estava prestes a ir para as lojas. Voltara a criar após uma aventura de barco que o levou dos Estados Unidos ao arquipélago de Bermudas. Na ilha paradisíaca, sua chama criativa se reacendeu e algumas canções começaram a brotar em sua mente. *Beautiful Boy* e *Woman*, entre elas. A primeira, para seu filho Sean, que se juntara a ele em Hamilton, a capital da ilha. A outra, evidentemente, para Yoko. Esse é uma parte do retrato do momento que o ídolo vivia, totalmente dedicado à família. E em paz com ele mesmo.

A maturidade de quatro décadas bem vividas e o distanciamento do *show business* o ajudou a superar fantasmas e exorcizar demônios que o atormentaram por quase toda a juventude.

O pequeno Sean também aniversariava naquele dia. Completava cinco anos. Yoko Ono contratou cinco aviões para escreverem no céu de Manhattan a mensagem "Happy Birthday John and Sean - Love Yoko", o que foi feito mais de uma vez e valeu até um bom destaque no noticiário local. Enquanto um grupo de fãs fazia plantão em frente ao Dakota, o luxuoso condomínio em que a família Ono Lennon vivia em Manhatan, na tentativa de conseguir entregar cartões de aniversário e ter algum contato com o ídolo. Mais tarde, Fred Seaman, o polêmico assistente do casal, anunciava que "na próxima primavera" eles fariam uma turnê com shows nos Estados Unidos, Europa e Japão. Enfim, a nova década se pronunciava generosa para o ex-beatle.

Começar de novo

Double Fantasy foi lançado em 17 de novembro de 1980. Elogiado pela maioria dos críticos, caiu rapidamente no gosto de antigos e novos fãs. Feliz com os resultados, Lennon, sempre acompanhado de Yoko, concedia inúmeras entrevistas desde então.

Foto: iStock/Getty Images

John e Yoko em um de seus bed-ins pela paz

que apenas os fãs influenciados por ela poderiam dizer o quanto e quão profundamente repensaram suas convicções políticas. E Lennon tinha consciência disso, por isso, continuou a promover atos insólitos e inusitados a favor de seus ideais. Foram realizados outros bed-ins na França e no Canadá (os Estados Unidos negaram o visto para o casal, alegando que John era viciado em drogas), durante os quais concederam inúmeras entrevistas, algumas a jornalistas que contestavam o "método" de protesto. Ao final do bed-in de Montreal, John convocou a todos os que os acompanhavam para cantarem com ele e Yoko uma nova música. Era *Give Peace a Chance*, mais um hino pacifista, que alguns meses depois seria cantada por uma multidão de cerca de meio milhão de pessoas em Washington, durante um protesto contra a Guerra do Vietnam. Lennon soube do acontecido pela tevê e declarou: "foi um dos maiores momentos de minha vida".

O militante ilimitado

Ainda em 1969, um outro ato político de John pela paz chamaria a atenção do mundo. Ele devolveu sua Medalha do Império Britânico, condecoração recebida em 1965 aos quatro Beatles. Junto à honraria, escreveu um pequeno recado à rainha: "Sua majestade, estou devolvendo essa MBE em protesto contra o envolvimento da Grã-Bretanha no lance de Biafra na Nigéria, contra nosso apoio à Guerra do Vietnam e contra a queda de "Cold Turkey" nas paradas. Com amor, John Lennon".

O impacto daquele ato na Inglaterra foi estrondoso. Grande parte da imprensa inglesa quis pegar em seu pé por citar *Cold Turkey*, que evidentemente representava a costumeira ironia do astro e não tinha nada a ver com o real motivo. Além disso, representou uma espécie de rompimento de John com todo o seu passado de beatle, algo que se confirmaria com o fim oficial da banda no ano seguinte. Antes, porém, ele e Yoko participariam de inúmeras campanhas humanitárias, como a de combate à fome em Biafra (a da medalha) ou a de construção de uma escola para crianças ciganas. Outra que chamou a atenção foi *War Is Over*, que espalhou outdoors por diversas capitais com a frase "A guerra acabou – se você quiser. Feliz Natal, John e Yoko". A campanha foi lançada com um concerto beneficente para a Unicef. Seguiram-se o apoio a protestos contra o apartheid na África do Sul, denúncias de injustiças cometidas por tribunais ingleses contra pessoas comuns, manifestações pela destruição das armas nucleares e muitas outras causas.

Os anos 60 acabaram e junto com eles o sonho de um mundo sem guerras. John percebeu isso, sofreu como todos os que haviam sonhado, mas continuou a gravar discos geniais e a escrever letras de teor politizado. Em suas mensagens, no fundo, estava em busca de uma humanidade melhor. Por um tempo, abandonou o estrelato para cuidar de seu filho Sean, mas jamais deixou de ser um sonhador. Infelizmente, se lermos as notícias de hoje, a impressão é que a mensagem e a arte de Lennon não foram suficientes para transformar sonhos em realidade.

"Os anos 60 acabaram e junto com eles o sonho de um mundo sem guerras. John percebeu isso, sofreu como todos os que haviam sonhado, mas continuou a gravar discos geniais e a escrever letras de teor politizado"

Foto: Wikimedia Commons

> *Conforme testemunho do fotógrafo Bob Gruen, que estivera com o músico no final de semana anterior. 'Ele mostrava ter uma perspectiva positiva, um sentimento de esperança em relação ao futuro'*

Hoje, passado tanto tempo, há quem veja premonições em algumas declarações feitas por John nesse período. Para o jornalista Jonathan Cott, da revista Rolling Stone, ele disse: "dê uma chance a paz, não mate pessoas pela paz". No dia 6 de dezembro, o DJ Andy Peebles da BBC perguntou-lhe como ele se sentia em relação à segurança em New York, uma metrópole perigosa, se comparada a Londres. Lennon respondeu que adorava a cidade porque as pessoas o deixavam em paz. Lá, ele podia ir a restaurantes ou ao cinema, sem que as pessoas o incomodassem, mesmo quando lhe pediam autógrafos. Conseguiam o que queriam e iam embora. Ou seja, ele andava livremente, não tinha qualquer preocupação em relação à sua segurança pessoal. A pergunta poderia ser interpretada como um alerta, mas também casual, apenas uma curiosidade do entrevistador, acostumado a ver celebridades cercadas de seguranças.

Lennon estava confiante com a nova fase, conforme testemunho do fotógrafo Bob Gruen, que estivera com o músico no final de semana anterior. "Ele mostrava ter uma perspectiva positiva, um sentimento de esperança em relação ao futuro. Estava prestes a fazer seu retorno com respostas para a todos os seus gritos, suas buscas, suas andanças e suas terapias. Descobriu que poderia ficar bem com sua família e sóbrio, e ainda divulgar mensagens com as quais as pessoas se identificariam. Parecia, finalmente, ter entendido o que era estar vivo e ser um líder, no sentido de que ele poderia pensar e expressar o que todo mundo estava sentindo".

Foi esse "novo Lennon" – muito diferente daquele jovem ávido por novidades que o mundo conhecera nos anos 60, ou do "herói da classe trabalhadora" e militante incondicional da luta pela paz, da primeira metade da década de 70 – que acordou naquela manhã do dia 8 de dezembro, uma segunda-feira recheada de compromissos profissionais. Ele e Yoko seguiam promovendo o álbum recém-lançado e, ao mesmo tempo, já se preparavam para finalizar o sucessor. Especialmente John estava entusiasmado com esse novo ciclo criativo. Na verdade, havia composto 22 músicas, mas nem todas puderam ser incluídas em *Double Fantasy*. Assim, decidira fazer uma espécie de continuação do disco, que se chamaria *Milk and Honey*.

Cliques para a eternidade

Antes de iniciar a maratona de compromissos, Lennon e Yoko tomaram seu café da manhã no *La Fortuna*, que ficava bem próximo ao Dakota. Ele comeu ovos a *benedict*, uma receita bem americana que leva ovos escalfados (cozidos sem casca em água fervente), molho holandês e bacon ou presunto, tudo colocado sobre fatias de pão, seguido de um cappuccino. Certamente fumou um cigarro Gitane, seu preferido, logo após a pequena refeição. A seguir, foi a uma barbearia ali perto e fez um corte parecido com o que usava bem no início dos Beatles, na época de Hamburgo, ao estilo

Em seu último café da manhã, Lennon comeu o tipicamente americano ovos a *benedict*

Foto: Shutterstock Images

> *“As fotos se tornaram históricas não apenas por terem sido as últimas do casal junto, mas também por toda a simbologia envolvida, com Lennon em posição fetal, agarrado a uma Yoko de preto”*

“Teddy Boy”, com topete e costeletas longas. Estava pronto para a segunda sessão de fotos que fez para a capa da revista *Rolling Stone*. Os cliques da fotógrafa Annie Leibovitz, com quem já trabalhara algumas vezes, ilustrariam também uma entrevista concedida a Jonathan Cott dias antes.

Por exigência de John, Yoko teria de estar com ele nas fotos. Por volta das 11h, Leibovitz e uma assistente chegaram ao prédio. Por sugestão de John, algumas fotos foram feitas com ele nu abraçado a Yoko vestida. Provavelmente, ela já não se sentia mais tão à vontade em posar sem roupas como na polêmica capa do álbum *Unfinished Music No. 1: Two Virgins*, o primeiro da dupla, lançado em 1968. As fotos se tornaram históricas não apenas por terem sido as últimas do casal junto, mas também por toda a simbologia envolvida, com Lennon em posição fetal, agarrado a uma Yoko de preto.

A última entrevista

Após as fotos, pouco depois do meio-dia, o casal recebeu uma equipe de quatro pessoas da rádio RKO, comandada pelo DJ Dave Sholin, para uma entrevista de 90 minutos que se estenderia por quase três horas, na qual falou sobre *Double Fantasy*, que dedicava “às pessoas que cresceram comigo. Eu estou dizendo ‘Estou aqui agora, como vocês estão? Como vão seus relacionamentos? Vocês passaram por tudo isso? Os anos 70 foram uma chatice, não acham?’ Mas estamos aqui, que tal tentarmos fazer dos 80 algo bom, porque ainda depende de nós que eles sejam como quisermos. Não está fora de nosso alcance. Eu ainda acredito no amor, eu ainda acredito na paz, eu ainda acredito no pensamento positivo”.

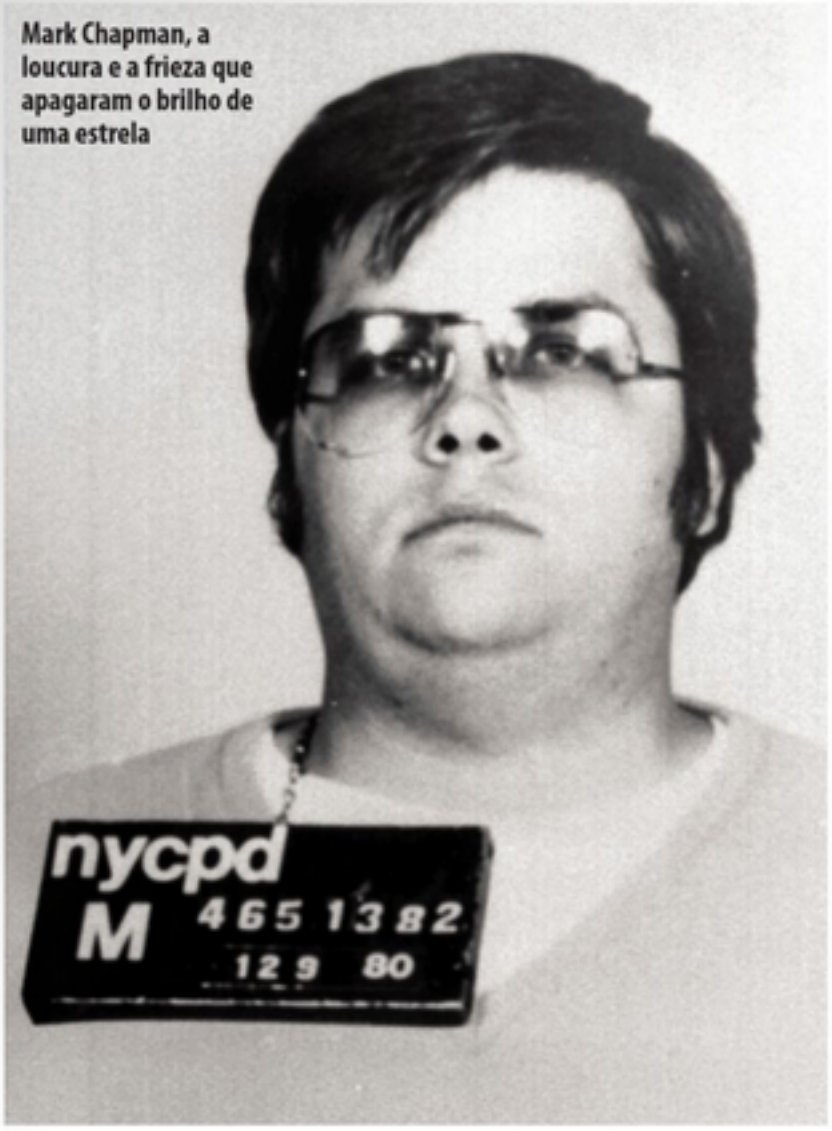
Em outro trecho ele fala sobre seu estado de espírito em relação ao trabalho. “Estou assim tão ansioso para gravar discos devido ao modo como me sinto. Eu quero fazer mais alguns discos antes de sair em turnê. Gostaria de fazer pelo menos mais um álbum antes de tomar a decisão de contratar todos esses músicos caros e levá-los para a estrada”. Ou seja, o Lennon artista estava de volta. A fase paizão 100% dedicado aos afazeres domésticos e à criação do filho havia mesmo chegado ao fim, embora seu amor e preocupação por Sean parecesse ainda muito maior que a paixão pela música. Em outra frase muito citada dessa entrevista, falando sobre a canção *Starting Over*, ele assegurou: “eu penso que meu trabalho não estará finalizado até que eu esteja morto e sepultado, e espero que isso leve muito, muito tempo. Assim, para mim, ela (a canção) é uma parte de uma grande obra iniciada desde que me tornei um homem público até agora”.

Trabalho pesado

Terminada a entrevista, já no meio da tarde, eles se prepararam para voltar ao Hit Factory, o estúdio onde estavam trabalhando em uma faixa para o próximo álbum. No entanto, a limusine contratada para transportá-los até lá se atrasou e o pessoal da RKO ofereceu uma carona a eles no carro da empresa. Antes de embarcar, John foi parado por um fã que lhe pediu para autografar uma cópia de

Lennon dá um autógrafo a seu assassino

Foto: Reprodução



Mark Chapman, a loucura e a frieza que apagaram o brilho de uma estrela

Double Fantasy. Era Mark Chapman.

A cena foi registrada pelas lentes do fotógrafo amador Paul Goresh, que fazia parte do grupo que sempre estava nas imediações. Fã dos Beatles, ele tinha começado uma pequena amizade com John e Yoko no ano anterior. Quando soube que o ídolo retomaria as atividades artísticas, Goresh resolveu ficar por perto do Dakota e tirar quantas fotos pudesse. A capa do single *Watching the Wheels*, com *Beautiful Boy* de um lado e *Yes, I'm your angel* do outro, lançado no ano seguinte, foi ilustrada com uma foto do casal saindo do Dakota batida por ele.

No Hit Factory, John e Yoko trabalharam na música *Walkin' on thin ice*, de Yoko Ono. Lennon gravou suas partes de guitarra e contribuiu na mixagem do que seria o primeiro hit da carreira de Yoko. No meio da sessão encontrou tempo para telefonar para sua tia Mimi, que morava em Liverpool, e falar que provavelmente iria visitá-la em breve.

Após cerca de quatro horas de trabalho, já por volta das 22h, John decidiu que bastava. Estava cansado e queria parar para comer alguma coisa na volta para casa. Disse aos técnicos do estúdio que voltariam na manhã seguinte para terminarem a música. No entanto, já dentro da limusine – que desta vez os esperava – decidiram ir direto para o Dakota, uma vez que queriam ver como estava Sean, que ficara aos cuidados da esposa de Seaman, o secretário.

Passos finais

Ao chegarem, desceram do carro e se dirigiram à entrada do prédio, com John um pouco à frente de Yoko. As ruas próximas ao prédio costumavam ficar desertas à noite. Assim, devem ter achado estranho quando uma pessoa, como se saísse do nada, da escuridão, chamou John: "Mister Lennon". Ele parou por uns segundos. A seguir, cinco disparos ecoaram na noite de Manhatan. Os relógios marcavam 10h52 em New York. Mark Chapman descarregou seu revólver calibre 38 nas costas de Lennon. Quatro projéteis acertaram o alvo, dois nas costas e dois nos ombros.

Há dias o assassino planejava aquele momento. Em seu depoimento, disse que pensou em atirar em John no momento em que ele autografou sua cópia de *Double Fantasy*, mas desistiu e che-

> *"As ruas próximas ao prédio costumavam ficar desertas à noite. Assim, devem ter achado estranho quando uma pessoa, como se saísse do nada, da escuridão, chamou John: "Mister Lennon". Ele parou por uns segundos. A seguir, cinco disparos ecoaram na noite de Manhatan"*

Foto: Reprodução

gou a pensar em não mata-lo mais: "Ele foi muito gentil comigo", disse. Mas, segundo ele mesmo, havia vozes em sua cabeça que diziam para ele fazer o que fez. Era uma obsessão que o dominava há algum tempo, que o próprio Chapman descreveu como "uma locomotiva desgovernada. Não havia como pará-la. Nada poderia me impedir de fazer o que fiz. Nenhuma oração, nem minha força de vontade, nem o demônio, nenhum homem, nenhum segurança".

Lennon ainda deu alguns passos em direção ao hall de entrada do Dakota, disse "fui atingido" e caiu. Yoko gritava estericamente por socorro. Jay Hastings, o porteiro do prédio acionou imediatamente um alarme que conectava o edifício com a polícia e também chamou o socorro. John sangrava profusamente. Pouco depois, os policiais Steve Spiro e Peter Cullen chegaram e prenderam Chapman que não tentou nem fugir. Mais viaturas policiais chegaram e como o socorro estava demorando, vendo o estado crítico da vítima, os policiais Bill Gamble e James Moran resolveram colocar John no banco de trás da viatura e levaram-no ao St. Luke's Roosevelt Hospital. Uma segunda viatura, com Yoko a bordo, seguia atrás.

> *"Uma equipe de emergência agiu rapidamente – em menos de três minutos John estava na sala de cirurgia. Mas seu coração já não batia mais"*

Uma equipe de emergência agiu rapidamente – em menos de três minutos John estava na sala de cirurgia. Mas seu coração já não batia mais. Os médicos, chefiados pelo Dr. Stephan Lynn, tentaram reanimá-lo, mas nada funcionou. Um ato estúpido de um homem atormentado, que dizia ouvir vozes e ser fã de John. Lennon estava morto.

Prédio maldito

O Edifício Dakota sempre foi conhecido por abrigar celebridades. O prédio de apartamentos luxuosos em Manhattan, vizinho ao Central Park, havia sido cenário para o icônico filme de terror *O Bebê de Rosemary*, filmado em 1968, o que acabou gerando uma espécie de lenda urbana sobre uma maldição deflagrada pelo filme, visto como uma obra demoníaca por muitos. Assim, era comum aglomerações de curiosos e caçadores de autógrafos em suas imediações. Um grupo em especial sempre estava por lá. Eram os fãs de John, que ele costuma chamar de "as groupies do Dakota", embora sempre houvesse rapazes na turma.

Foto: Wikimedia Commons

Música, guerra, amores e bebês

Nascido em uma família de ascendência irlandesa, John Lennon é fruto de um relacionamento inconsequente, situação que o incomodou ao longo da vida

Texto **David Cintra** | Design **Vanessa Sueishi**

Se talento musical é algo hereditário, John Lennon o herdou, em parte, de seu avô paterno, que também era John, porém, mais conhecido por Jack. Nascido em 1855 em Dublin, na Irlanda, onde a família era originalmente O'Leannain e migrou quando ele ainda era criança para Liverpool, na Inglaterra. Depois de uma tentativa frustrada de se tornar padre, tal como o John Lennon do século 20 faria, Jack cruzou o Atlântico em busca de fama no mundo da música. Em New York, ele integrou uma trupe de menestréis, a *Andrew Roberton's Colored Operatic Kentucky Minstrels*, que alcançou um relativo sucesso, inclusive realizando uma turnê pela Irlanda, em 1897. Mas, já na casa dos 50 anos de vida, o menestrel resolveu voltar para Liverpool, onde trabalhou como escriturário. Julia Baird (meia irmã de John Lennon), afirma em seu livro *Imagine: crescendo com o meu irmão John Lennon* que o regresso de Jack se deu por conta da morte de sua esposa. De fato, no retorno, levou com ele uma filha chamada Mary, fruto desse casamento.

Foto: iStock/Getty Images

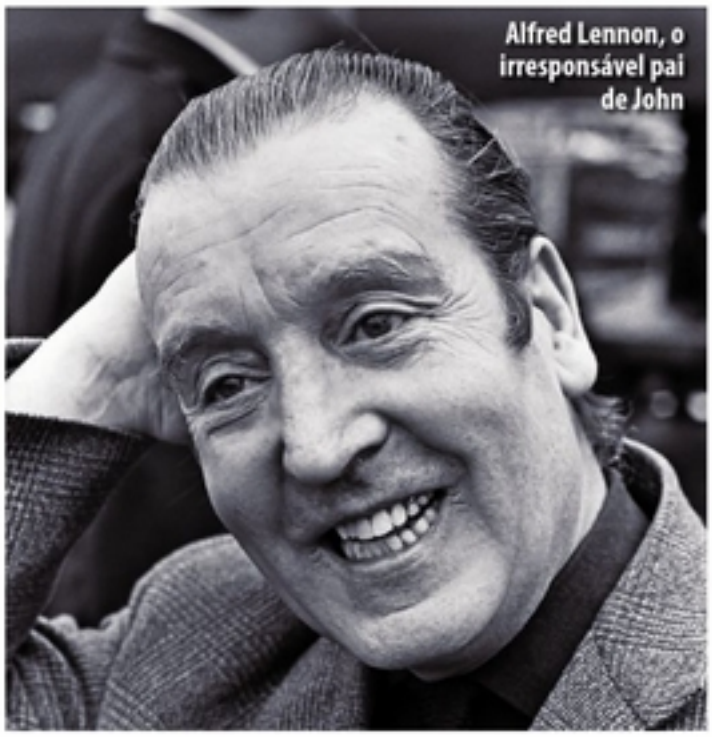
Alfred

A filha, entretanto, logo o deixaria e Jack se casaria mais uma vez, agora com uma irlandesa chamada Mary Maguire, mais conhecida por Polly. O casal teve oito crianças, mas duas não sobreviveram à primeira infância. As outras seis – George, Herbert, Sydney, Alfred, Charles e Edith – foram criadas com as dificuldades da época. No entanto, quando Jack morreu, em 1921, de complicações hepáticas – quase certamente consequências do uso abusivo de álcool – a situação ficou insustentável para Mary. Jack já estava na casa dos 70 e sobrevivia com o pouco que ganhava como músico e showman, uma vez que já não conseguia mais trabalho nas firmas de Liverpool. Ou seja, deixou a família na miséria.

Por sorte, Polly conseguiu que Alfred - na época, carinhosamente chamado Alf (mais tarde, ganharia o apelido de Freddie) – e Edith vivessem em sistema de internato no Bluecoat Hospital, uma instituição de caridade. Com isso, livrou-os da fome iminente, conseguiu que tivessem uma boa educação e ainda aliviou um pouco as despesas de casa. Assim sobrava para cuidar das demais crianças. Alf tinha nove anos de idade.

Julia

A outra parte do DNA musical de Lennon pode ser creditada a seu bisavô paterno, William Henry


Alfred Lennon, o irresponsável pai de John

Stanley, que foi músico, embora não tenha ficado famoso e passado boa parte de sua vida em escritórios. Um de seus filhos, George Ernest Stanley, o "Pop", nascido em 1874, casou-se com Annie Jane Millward, um ano mais velha do que ele, que deu à luz sete crianças, das quais um menino e uma menina – Henry e Charlotte – faleceram com menos de três anos. Outras cinco garotas sobreviveram: Mary ("Mimi"), Elizabeth Jane ("Mater"), Anne Georgina ("Nany"), Julia ("Judy") e Harriet ("Harrie"). Criadas com severidade pela mãe, as cinco pouco viam o pai, marinheiro, sempre em longas jornadas pelos mares.

O lar essencialmente feminino contrastava com a rudeza de marinheiro e o conservadorismo de Pop, quando este aparecia. As discussões com Mimi, a mais velha, eram constantes. A relação com Nany era problemática, pois George achava que ela não era sua filha e a rejeitava abertamente. Com Julia e Harriet, porém, era o oposto. Tratava-as com carinho. Uma distinção incompreensível. Mas a influência do pai na educação das meninas acabou sendo bem menor do que a da própria Mimi, que ajudou a mãe a cuidar das outras.

"Julia nasceu em 1913 e se distinguia das irmãs pela beleza e carisma. Era alegre, gostava de cantar e dançar. Ainda bem jovem aprendeu com o o avô William a tocar banjo e piano"

Julia nasceu em 1913 e se distinguia das irmãs pela beleza e carisma. Era alegre, gostava de cantar e dançar. Ainda bem jovem aprendeu com o o avô William a tocar banjo e piano. Além de ser uma bela ruiva, também possuía uma boa voz para cantar. Sua forte personalidade e os belos traços logo chamaram a atenção dos homens. Aos 14 anos, começou a sair com um sujeito que encontrara numa tarde no parque e a conquistara após atirar no lago seu chapéu coco, que levara Julia às gargalhadas quanto ele tentara puxar conversa com ela. O ano era 1927 e o nome do rapaz, Alfred Lennon. Nos próximos dez anos, os dois viveriam uma relação alegre em alguns momentos e complicada na maior parte do tempo. Ambos gostavam de cantar e dançar e o faziam sempre que Freddie estava em terra firme, uma vez que, quase sempre, estava em alto-mar, trabalhando em grandes navios, como camareiro ou garçom. Nas viagens, arrumava sempre um jeito de se apresentar cantando ou contando teatralmente casos que vivia nas longas jornadas ou nos portos em que parava. Entre suas chegadas e partidas de Liverpool, ele ainda ajudou Julia a se aperfeiçoar na arte de tocar banjo. Formavam um casal musical, com toda a certeza.

John

Em 1938, a família de Julia, que não aprovava Freddie, foi surpreendida pelo anúncio de que os dois haviam se casado. George achava que sua filha predileta, tão bela, alegre e simpática, poderia conquistar alguém mais próspero que Alfred. Assim, o matrimônio celebrado apenas em cartório, no dia 3 de dezembro daquele ano, teve como testemunhas apenas um dos irmãos de Fred e uma amiga de trabalho de Julia. Comemoraram o casamento com uma tarde no cinema, após a qual cada um voltou para sua casa. Sequer tinham um lugar para morar e, nos primeiros meses, ela continuou no lar de seus pais e ele, em um quartinho que alugava.

Evidentemente, Pop que não sabia de nada, ficou furioso com a situação, mas Annie o convenceu de que nada poderia mais ser feito, era fato consumado. Estavam casados de papel passado. Nove meses depois, era declarada a guerra entre a Inglaterra e a Alemanha de Hitler. Alfred foi convocado, assim como George, o marido de Mimi, que aceitara se casar com ele apenas na condição de que não tivessem filhos. Assim, ela e Julia ficavam em casa e viam seus maridos

Fotos: Reprodução

> *Julia lhe deu nome de John, em lembrança do pai de Alfred, complementado com um Winston, em homenagem ao primeiro-ministro inglês. O sentimento patriótico daquele período andava bastante exaltado*

apenas quando estavam de licença, o que não era muito frequente naqueles primeiros tempos da guerra.

Em uma dessas licenças, o casal se viu só na casa, o que raramente acontecia, e John foi concebido. Nem ela, nem ele queriam uma gravidez em dias tão difíceis, com Freddie sempre ausente. Não deixam de ser irônicas algumas palavras dessa mesma criança gerada acidentalmente, ditas quarenta anos depois em uma entrevista apara a revista *Playboy* norte-americana: "Eu não vou mentir para Julian. Noventa por cento das pessoas nesse planeta, especialmente no Ocidente, nasceram de uma garrafa de uísque em um sábado à noite, sem qualquer intenção de se fazer uma criança. Então, noventa por cento de todos nós, e isso inclui todo mundo, somos acidentes (...) Julian faz parte dessa maioria, assim como eu".

Freddie só voltaria para casa no Natal daquele ano, quando viu pela primeira vez o filho nascido às sete da manhã do dia 9 de outubro, no Hospital Maternidade de Liverpool. Julia lhe deu nome de John, em lembrança do pai de Alfred, complementado com um Winston, em homenagem ao primeiro-ministro inglês. O sentimento patriótico daquele período andava bastante exaltado.

Eram dias difíceis para a população inglesa. Havia racionamentos e bombardeios constantes. De início, os alemães atacavam apenas Londres, mas, depois de sofrerem um revide da Real Força Aérea que atacou Berlim, os alvos se multiplicaram. Liverpool, por ser uma cidade portuária era um dos mais óbvios. Certamente, se não caíram bombas sobre a cidade naquele 9 de outubro, durante suas primeiras semanas de vida o pequeno John deve ter se assustado com o barulho das sirenes e das explosões. Assim veio ao mundo John Winston Lennon.

Ao lado de Julia, a mãe que nunca pode ter de verdade. Acima, em dois momentos da infância

Fotos: Reprodução

A casa (reformada) em que John e sua mãe moraram logo após seu nascimento

Entre calmarias e tempestades

Separado da mãe primeiro por contingências familiares, depois por uma tragédia, o pequeno John ainda teve a infância marcada pela ausência do pai

Texto **David Cintra** | Design **Vanessa Sueishi**

Logo depois de nascer, o pequeno John e sua mãe Julia foram acolhidos na casa dos avós maternos, George "Pop" Stanley e Annie Millward, na rua Newcastle Road, número 9, conhecida entre seus familiares como "a casa de Penny Lane", por ficar próxima ao local que anos depois daria nome também a um dos inúmeros sucessos dos Beatles. A persistente ausência de Alfred, seu pai, certamente afetou mais à sua mãe, Julia, que se viu com um bebê para cuidar sem o marido por perto. No início, ela recebia uma pequena quantia enviada por ele todos os meses, que era repassava quase integralmente aos pais. No entanto, um ano depois, a fonte secou. Alfred acabou preso em uma das paradas do navio em que trabalhava e ela perdeu sua única fonte de renda.

Ainda em 1941, Julia perdeu a mãe, o que só piorava as coisas, uma vez que seu relacionamento com Pop não era dos melhores. Ela deve ter ficado muito feliz quando George, o marido de sua irmã Mimi, ofereceu-lhe a oportunidade de morar em uma casa que herdara, a qual chamavam The Cottage. Na casa dos 30 anos, Julia sentia-se jovem e ainda era muito bonita. Liverpool era um ponto

Foto: Reprodução

estratégico no mapa da Segunda Guerra, assim, estava tomada por soldados e marinheiros. A diversão noturna era uma atrativo e tanto para uma mulher como ela. Com Harriet e Mimi sempre disposta a cuidar de John, logo ela começou a frequentar pubs e, claro, ser muito paquerada.

Idas e vindas

Quando finalmente Alfred reapareceu, em 1944, a encontrou grávida. Julia alegou ter sido violentada por um soldado. Alfred foi atrás do sujeito, chamado Taffy Williams, para tirar satisfações, mas acreditou na versão dele de que tudo acontecera com o consentimento dela. No fim, a criança, Victoria Elizabeth, foi adotada por um casal norueguês que a rebatizou como Ingrid Marie Pedersen, a primeira meia-irmã de John, com a qual jamais teve contato.

Durante esse período conturbado, o menino ficou por cerca de oito meses na casa de seu tio Sydney, em Maghull, uma pequena vila entre Liverpool e Southport. Quando as coisas se acalmaram, voltou a viver com a mãe e passaram por um raro período de estabilidade. Em 1945, ele começou a frequentar a Mosspits Lane Infants School e ela arrumou um emprego perto. Assim, podia buscá-lo todos os dias. Mas isso duraria pouco.

No ano seguinte, um episódio separaria de vez os pais de John: Julia começou um relacionamento com um garçom chamado John Albert Dykins, também conhecido como Bobby, e, após mais uma de suas longas ausências, Alfred voltou a encontrar Julia envolvida com outro homem. Desta vez, porém, a coisa era mais séria e ela informou que eles estavam montando uma casa e levariam John com eles. E isso, de fato, acabou acontecendo. Poucos dias depois, Alfred partia mais uma vez.

Eu ou ela?

Nesse ponto, Mimi intervém na história. Com a desculpa de que a situação de Julia e Bobby era "imoral", por ela ainda ser casada no papel com Alfred, decidiu chamar Alfred de volta, na esperança de que ele pudesse tirar John daquele ambiente. Fez isso por um telefonema, no qual colocou John para falar com o pai, que lhe prometeu retornar em duas semanas. Dessa vez, cumpriu a palavra. Chegou à noite na casa da tia de John e ouviu dela um relato nada favorável sobre Julia e Bobby, bem como a cobrança de algumas despesas que tivera desde que o garoto passara a praticamente viver com ela. Decidiu então raptar seu próprio filho. E o fez, no dia seguinte.

"Um episódio separaria de vez os pais de John: Julia começou um relacionamento com um garçom chamado John Albert Dykins, também conhecido como Bobby, e, após mais uma de suas longas ausências, Alfred voltou a encontrar Julia envolvida com outro homem"

Na verdade, foi com ele para a casa de Billy Hall, com quem mantinha uma sociedade em um comércio ilegal de meias de seda. Alfred chegou a elaborar um plano que levaria John para a Nova Zelândia, para onde pretendia ir depois. Para sorte de John e milhões de pessoas no mundo todo, não deu certo.

No entanto, Julia descobriu o paradeiro do pai raptor e foi atrás dele e seu filho. Alfred revelou os planos de levá-lo para a Oceania, onde iria viver com a rica família Hall, que poderia lhe dar todo o conforto. A princípio, ela quase aceitou, reconhecendo ser uma boa chance para o garoto ter um futuro que ela considerava mais promissor. Contudo, quando John apareceu na sala, as coisas começaram a mudar de rumo. Houve bate boca e, no auge da discussão, Alfred intimou o pequeno John a escolher ir embora com a mãe ou ficar com ele. E John foi para o lado de seu pai, com quem passara os últimos dias em uma breve – e única – "lua de mel". No entanto, quando Julia ameaçou ir embora, o garoto correu para ela, chorando. Talvez tenha esperado que "Alf" decidisse ir com eles. Impossível. John só teria alguma notícia do pai cerca de duas décadas depois.

Em 1949, ele reapareceria, mas John sequer o

viu. Depois de o navio em que trabalhava parar em Londres, pegou um trem para Liverpool. Talvez ainda alimentasse os últimos resquícios do sonho de migrar para a Nova Zelândia com o filho. Mas detonou com suas minguadas chances de sucesso antes mesmo de chegar ao destino. No caminho, encontrou velhos companheiros de farra e, na manhã seguinte foi preso, bêbado, após quebrar uma vitrine para tentar dançar com um manequim. Pegou seis meses. Na prisão, recebeu uma carta de Mimi com algumas ameaças caso tentasse contatar John mais uma vez. Não tentou.

Calmarias e tempestades

A primeira medida de Julia e Bobby após "resgatarem" John foi arrumar um local para morarem como uma família. Alugaram um apartamento minúsculo e afastado do centro. Tão pequeno que John dormia na mesma cama de seus pais. Mimi, que decidira ser uma obrigação tirar seu sobrinho daquele ambiente "pecaminoso", viu a oportunidade para atingir seu objetivo. Apelou para o serviço social, com a alegação de que o apartamento e a situação matrimonial de Julia e Bobby não eram adequados para uma criança. Após uma inspeção do órgão público responsável, Mimi ganhou a causa.

> *"Se realmente Julia e Bobby podiam ou não cuidar de John sempre será uma dúvida. Por quase toda sua vida ele acreditou – ou quis que as pessoas acreditassem – que seus pais "não podiam cuidar" dele, por isso, fora "mandado a viver" com a tia"*

Com "Mimi", a tia que o criou como filho

Em 1946, a tia o matriculou na Dovedale Primary School, onde aprendeu a ler e escrever. Aos sete anos, John foi diagnosticado com miopia grave e ganhou seu primeiro par de óculos. E também mais uma meia-irmã: Julia Baird, a primeira filha de Julia e Bobby. Dois anos depois, em 1949, Julia voltaria a engravidar e deu à luz Jacqueline Gertrude. Antes, porém, George faleceu, aos 77 anos. Após a morte do pai, de quem cuidou até o final, finalmente, Julia Stanley tinha sua família, mesmo que não pudesse casar-se oficialmente, pois a irresponsabilidade de Alfred não permitia que os papeis do divórcio fossem para frente.

O pior, porém, é que não conseguia convencer Mimi a deixar John, seu próprio filho, morar com ela, mesmo na casa mais espaçosa que passara a ocupar. Se realmente Julia e Bobby podiam ou não cuidar de John sempre será uma dúvida. Por quase toda sua vida ele acreditou – ou quis que as pessoas acreditassem – que seus pais "não podiam cuidar" dele, por isso, fora "mandado a viver" com a tia. Até pode ser verdade, mas fica no ar a questão de que os mesmos pais cuidaram (pelo menos enquanto estiveram vivos) de Julia e Jack, as meia-irmãs do menino John. O fato é que desde seus cinco anos de idade, ele ficou aos cuidados de Mimi e George.

Foto: Reprodução

> *Após uma das muitas visitas a Mimi, Julia foi atropelada enquanto atravessavaa Menlove Avenue. Morreu na hora. John nunca mais seria o mesmo*

Choque

Embora Mimi tentasse manter John e Julia o mais longe possível, ele deu um jeito de descobrir onde a mãe morava. Um primo o levou até a casa em Bloomfield Road, não muito longe de onde morava com Mimi. Nessa época, já perto dos dez anos, era um rebelde, que andava com uma pequena gangue e não era difícil para ele andar pelas ruas da cidade. Continuou a morar com a tia, mas passou a fazer visitas à casa de Julia.

O contraste dos dois lares era enorme. Em um, predominava uma atmosfera de seriedade, austeridade e conservadorismo. No outro, havia música tocando o tempo todo, no gramofone, no rádio, na tevê ou "ao vivo". Na casa da mãe, não havia horário fixo para as refeições, não era preciso limpar os pés para entrar na casa. Ela era uma boa dona de casa, mas bastante flexível, ao contrário de Mimi, que não aceitava mudanças na rotina. Embora não pudesse ter a guarda de John, ela se contentava com as visitas, que se tornariam cada vez mais frequentes. Em 1955, o marido de Mimi, George, faleceu. Na ocasião, John estava na Escócia, em visita à sua tia Elizabeth e só ficou sabendo quando voltou. Mimi ficou arrasada. Embora tivesse ainda menos de 50 anos, jamais pensou em se casar novamente e passou a se dedicar ainda mais a John. Isso certamente dificultava as coisas para que John pudesse voltar a viver com sua mãe. Mas a morte de George acabou reaproximando as irmãs e Julia passou a visitá-la quase diariamente.

Nesse período, Julia, que herdara do pai o dom musical, percebeu que John também recebera essa "herança" e foi a grande responsável por apresentá-lo ao universo das notas musicais, ao ensinar-lhe acordes musicais no banjo. Foi na casa dela que John foi apresentado ao universo da música "pop" inglesa e americana, embora também tenha tido contato com a nova música que surgia nos dois lados do Atlântico nas casas de amigos e na escola. Foi Julia quem deu a ele, em 1956, seu primeiro violão, um Gallotone Champion, que custava cerca de 10 libras e ela pagou em 18 prestações bissemanais. É o mesmo que aparece em uma das únicas fotos do Quarrymen, o primeiro conjunto montado por John e foi vendido em um leilão por 155 mil libras, em 1999.

Então, no dia 15 de julho de 1958, após uma das muitas visitas a Mimi, Julia foi atropelada enquanto atravessava a Menlove Avenue. Morreu na hora. John nunca mais seria o mesmo.

Alfred Lennon ainda se casaria mais uma vez, em 1966, com Pauline Jones, uma fã dos Rolling Stones, 36 anos mais nova do que ele. Tiveram dois filhos (que são, portanto, meio-irmãos de John): David Henry Lennon, em 1969, e Robin Francis Lennon, em 1973. Freddie morreu em 1º de abril de 1976, derrotado por um câncer no estômago.

Mary Stanley, a "tia Mimi", faleceu em 6 de dezembro de 1991, aos 85 anos. Era a última das cinco irmãs Stanley. Jamais superou a morte do sobrinho que criou como um filho. A enfermeira que cuidou dela nos últimos momentos revelou que suas últimas palavras foram: "Hello, John".

Foto: Reprodução

Cynthia (acima) se casou com John sem que muitas fãs soubessem. Da relação, nasceu Julian (abaixo, com John)

Do fundo do coração

Quase tudo na vida de John Lennon aconteceu de maneira não convencional ou saiu de controle ou teve desfecho trágico. Na vida amorosa não foi diferente

Texto **David Cintra** | Design **Vanessa Sueishi**

O primeiro relacionamento amoroso de John Lennon foi com Barbara Baker, com quem costumava sair para andar de bicicleta ou patinar pelas ruas do bairro. Ela estava com John quando ele começou o Quarrymen e presenciou a primeira apresentação do grupo, junto com Julia. Foi com Barbara que John se iniciou na vida sexual. No fundo não eram namorados, apenas "ficantes", em termos mais atuais. Em 1957, Barbara ficou grávida, mas, apesar de terem transado algumas vezes, John não era o pai. A família da moça a levou para longe de Liverpool para ter a criança que foi para um programa de adoção. A "amizade" entre os dois continuou por um tempo. Quando Julia, a mãe de Lennon, morreu, ele procurou Barbara e passou horas com ela em um parque. Mas depois dessa época, viram-se poucas vezes e perderam contato.

Às escondidas

Em 1958, John foi admitido na Faculdade de Artes de Liverpool e, logo nos primeiros meses, começou a sair com uma garota chamada Thelma Pickles, porém, o relacionamento durou pouco tempo. Logo ele se encantaria por outra garota de sua sala: Cynthia Powell. Eram opostos. Ele, rebelde, desleixado com os estudos e o centro das atenções quando estava com os amigos. Ela, comportada e tímida. Foi John quem iniciou o flerte e partiu para a conquista.

Quando começaram a trocar olhares, ela tinha um namorado, mas John não se intimidou e foi até o fim. No início do namoro, como ainda moravam com suas famílias, se encontravam para ir ao cinema ou a algum bar. Logo o relacionamento se aprofundaria, bem como a possessividade de John. Em sua autobiografia, *John*, publicada em 2005, Cynthia con-

Fotos: Reprodução

> *Cynthia e John namoravam firme quando os Beatles começaram e ela acompanhou cada dia da formação do grupo*

ta ter sofrido agressões físicas pelo menos em duas ocasiões, devido ao ciúme exagerado de seu namorado. Ambas sem um motivo justo. Assim, ela se afastou e ficaram separados por três meses. Reataram após os devidos pedidos de desculpas e juras de que nunca mais haveria qualquer agressão.

Cynthia e John namoravam firme quando os Beatles começaram e ela acompanhou cada dia da formação do grupo. Ela chegou a morar em um dos quartos que a tia de John alugava para estudantes, portanto, estiveram sob o mesmo teto, embora dormissem em camas separadas. Logo começariam as turnês e uma agenda intensa para o grupo, com pouquíssimos dias livres para uma vida íntima regular. Algo que duraria pelo menos até 1965 e certamente extenuou a todos.

Em 1961, os Beatles já eram populares na Inglaterra e a presença (e o assédio) feminino nos bastidores era comum. Um dos casos mais famosos de John nessa época foi Patricia Inder, uma loira que acompanhava o grupo, com particular devoção por Lennon. Iniciaram um relacionamento paralelo, sem que Cynthia desconfiasse de nada.

Mas eis que, já em 1962, com o grupo em plena "explosão", Cyn engravida. Uma situação inesperada e que poderia colocar a carreira dele em risco. Na época, os empresários tratavam esse assunto com certo rigor quando se tratava de bandas "teens". Escondiam as namoradas e omitiam o fato de alguns músicos serem casados. Não era incomum que, quem quebrasse essas regras não-escritas, fosse substituído. No entanto, Brian Epstein sabia que no caso dos Beatles essa opção não existia. Assim, deu seu apoio para o casamento às pressas, mas sem qualquer publicidade. A cerimônia foi feita apenas em cartório, no dia 23 de agosto de 1962, com pouquíssimas testemunhas. Além do próprio Brian, Paul McCartney e George Harrison a presenciaram ao lado de Tony e Margery, irmão de Cynthia. Mimi, a tia que cuidou de Lennon por toda sua infância, recusou-se a ir e a mãe de Cynthia, que morava no Canadá na época, não conseguiu chegar a tempo. Depois de casados, todos foram a um restaurante que não tinha licença para servir bebidas alcoólicas, assim brindaram com água.

Julian

John Charles Julian nasceu em 8 de abril de 1963, em Liverpool. Embora os Beatles já fossem um grande fenômeno pop, nenhum jornal ou revista de música, sempre interessados na vida particular das estrelas "teens", publicou qualquer nota sobre o nascimento do pequeno Julian, exatamente como acontecera com o casamento de seus pais. Aliás, para os fãs e a imprensa, John estava "livre". A agenda lotada provocava longas ausências de Lennon, mais um *dèjá vu* em sua vida privada. Embora não no mesmo nível de seu pai, John não acompanhou de perto a primeira infância de Julian, que prefaciou o prefácio do livro de Cynthia com palavras amargas em relação a seu pai. "Crescer como filho de John Lennon foi um caminho árduo. Ao longo da minha vida, várias pessoas já me disseram: 'Eu amava seu pai'. Sempre tenho uma grande mistura de sentimentos quando ouço isso. Sei que meu pai foi um ídolo para milhões de pessoas que cresceram amando sua música e seus ideais. Para mim, entretanto, ele não era um músico ou um ícone da paz, mas o pai que eu amava e que me

> *Sei que meu pai foi um ídolo para milhões de pessoas que cresceram amando sua música e seus ideais. Para mim, entretanto, ele não era um músico ou um ícone da paz, mas o pai que eu amava e que me decepcionou de muitas formas*
>
> *Julian Lennon*

decepcionou de muitas formas. Depois que fiz cinco anos, quando meus pais se separaram, eu o vi poucas vezes. Quando nos encontrávamos, ele se mostrava distante e intimidador. Cresci ansiando por mais contato, mas me sentia rejeitado e pouco importante em sua vida". Mais recentemente, porém, Julian fez declarações para a imprensa em que diz ter "finalmente" perdoado seu pai.

Cynthia até suportou a vida como esposa "secreta" de um beatle, aliás, de um astro como John Lennon. Ela entendia que isso poderia atrapalhar sua carreira e a do grupo, tese sustentada principalmente por Brian Epstein. Até podia fazer vista grossa para as fofocas sobre outras mulheres. No fundo, também preferia ficar longe dos bastidores. Mas não segurou a onda quando ele mergulhou no LSD e começou a aparecer todos os dias chapado, acompanhado de pessoas estranhas em sua casa. Lennon já andara confessando a amigos que estava cansado de seu casamento, que já considerava apenas um jogo de cena. Mas a gota d'água que fez tudo desmoronar de vez entre ele, Cyn e Julian, tinha um nome bem pouco familiar para os ingleses.

Yoko

No dia 9 de novembro de 1966, cerca de três meses após os Beatles anunciarem o fim das turnês, Lennon aceitou o convite do artista plástico John Dunbar para ver a exposição de uma artista chamada Yoko Ono, que estava expondo em sua galeria, a *Indica*. O fato de ela ser japonesa já era algo raro em Londres, ser uma artista de vanguarda, era ainda mais incomum. Isso certamente aguçou a curiosidade de Lennon.

Ela ainda dava os retoques finais em algumas peças – a inauguração da mostra estava prevista para o dia seguinte – quando Dunbar e John apareceram. A exposição reunia trabalhos, no mínimo, exóticos. A peça que mais chamou a atenção de John era um pedaço de madeira com alguns pregos por perto e um cartaz convidando o público a "pegar um prego". Ele perguntou a ela se poderia. Yoko, sem saber de quem se tratava, disse não. No final das contas, ela disse que permitiria, mas por cinco xelins. E ele respondeu que pagaria a quantia de maneira imaginária e pregaria um prego imaginário.

> *"A excentricidade e ousadia de Yoko representavam para John o oposto de Cynthia"*

Alguns dias depois, Yoko deu um jeito de entregar a ele uma cópia de seu livro *Grapefruit*, iniciando sua campanha de conquista, que poderia parecer impossível em uma primeira e fria análise. Mas a excentricidade e ousadia de Yoko representavam para John o oposto de Cynthia, que àquela altura era simplesmente a mãe de um filho nascido por acaso. E ele era um sujeito muito sexual, o que Yoko sacou de cara. O fato é que as vidas de ambos passaram a se cruzar até um inevitável relacionamento paralelo, a despeito de ela também ser casada com o produtor de cinema Tony Cox, com quem tinha uma filha, Kyoko. Aliás, ele era seu segundo marido, o primeiro fora o compositor Toshi Ichiyanagi, de quem havia se separado em 1961.

Cynthia descobriu tudo quando, ao retornar de uma viagem à Grécia, encontrou John e Yoko apenas em roupas de banho dentro de sua própria casa. Cyn virou as costas e desapareceu por uns dias. Após se acalmar, voltou e encontrou John, que se comportou como se nada tivesse acontecido. Foi o bastante. Em agosto de 1968 ela entrou com o pedido de divórcio, no qual fez constar o testemunho de uma das empregadas da casa que flagrara o patrão com Yoko na cama e o descrevia como "um marido violento, que estava sempre drogado". Yoko e Cox também se divorciaram, já no ano seguinte.

Juntos e separados

Desde que assumiram a relação, John e Yoko passaram a ser vistos invariavelmente juntos. E ele a via em tudo. Não havia mais um ou outro, mas os dois. Até mesmo no estúdio, para onde ele mesmo, Paul, George e Ringo jamais haviam levado namoradas ou esposas. Uma interferência sempre citada como um dos principais motivos para o fim da banda – foram muitos, na realidade, mas levá-la ao "espaço sagrado" de gravação dos Beatles, certamente não deixou os demais à vontade. No entanto, tudo pode ter sido também apenas uma provocação de John. Afinal, o clima entre eles não andava bem há tempos.

O fato é que a presença constante de Yoko ao lado de Lennon, onde quer que ele fosse, motivou discussões bastante ásperas entre ele e Paul McCartney, que chegou a maltratá-la em Abbey Road. John e Yoko se casaram em 20 de março de 1969, em Gibraltar, sem a presença de familiares ou amigos. Os Beatles se separaram oficialmente em abril de 1970, quando Paul anunciou sua saída da banda, antecipando-se ao ex-parceiro.

A relação amorosa elevada a um grau máximo pelo casal, porém, passou por crises. Afinal, trata-se de John Winston Lennon. Em 1973, chegaram a se separar. Na verdade, o casamento não ia bem e, para salvá-lo, decidiram dar um tempo. O mais interessante é que Yoko controlava de tal modo a vida do casal, que até arrumou uma nova companheira para John, May Fung Yee Pang, uma jovem de ascendência chinesa dez anos mais jovem que ele. Yoko percebera que John a olhava de maneira diferente e arranjou tudo para que ela o acompanhasse em uma viagem a Los Angeles, para promoverem o álbum *Mind Games*, o primeiro de John sem interferência de Yoko no estúdio.

O "final de semana perdido" acabou durando cerca de um ano e meio. E May esteve a seu lado na maior parte do tempo. Mas Lennon também começou a beber sem controle e a consumir drogas pesadas. Certamente, nessa fase que ele mesmo batizaria como "o fim de semana perdido", não foi "fiel" a May (e Yoko, de tabela).

Quebrando a corrente

John e Yoko reataram após ela aparecer em um show de Elton John no Madison Square Garden, em Nova York, que teve participação de Lennon, em 28 de novembro de 1974. A separação funcionara e a chama da paixão, que ambos julgavam ter se apagado foi reacesa. Menos de um ano depois, em 9 de outubro de 1975, nascia Sean Taro Ono Lennon. Um verdadeiro presente de aniversário para John, que completava 35 anos na ocasião.

Decidido a quebrar o ciclo de filhos indesejados e pais ausentes em sua vida, Lennon prometeu a si mesmo que dessa vez faria tudo diferente. O amor e dedicação que negou a Julian foi dado em dobro a Sean. Assim, um dos maiores astros da música pop, cujas composições mudaram os rumos da própria cultura ocidental, transformava-se em um "simples" pai coruja e um verdadeiro "dono de casa". John – e Yoko também – suspendeu totalmente sua carreira para cuidar do filho. Passariam-se então quase cinco anos até que voltasse a compor.

Fotos: Reprodução

Yoko Ono (acima) e John se tornaram praticamente um só. Quando Sean nasceu, John deu um tempo na carreira para se dedicar ao filho

O garoto que queria ser Elvis

Assim como muitos, John Lennon foi influenciado pelo rei do rock. Mas se tornou uma lenda no mesmo patamar do ídolo

Texto **Thiago Koguchi** | Design **Vanessa Sueishi**

Em uma das cenas do filme *O Garoto de Liverpool* (2009), um jovem John Lennon canta (*Let Me Be Your*) *Teddy Bear*, de Elvis Presley, junto com sua mãe, Julia. "Por que Deus não poderia fazer um Elvis?", questiona o rapaz, num misto de êxtase e inconformismo. "Porque ele estava te salvando para ser John Lennon", garante Julia. Dito e feito.

O início de tudo

"Nada havia causado qualquer efeito em mim até Elvis", explicou Lennon para o biógrafo Hunter Davies. De fato, quando o rei do rock emplacou *Heartbreak Hotel*, milhares de jovens se identificaram com a música, mas, principalmente, com o jeito daquele cantor jovem, bonito e que encantava o público com seus passos de dança em cima do palco.

Tia Mimi "sofreu" com a fixação de John pelo ídolo. "Eu nunca mais tive um minuto de paz", recorda. "Era Elvis Presley, Elvis Presley, Elvis Presley. No final, eu disse 'Elvis Presley está de acordo, John, mas eu não o quero no café da manhã, jantar e chá'".

Quando a loucura do rock começou, John não tinha qualquer instrumento que pudesse tocar. Foi sua mãe quem lhe deu o primeiro violão – uma peça de segunda mão "garantida contra defeito" – que custou 10 libras. Julia lhe ensinou os primeiros acordes, ainda que fossem para banjo. Mas foi o suficiente para Lennon.

> *"Foi sua mãe quem lhe deu o primeiro violão – uma peça de segunda mão 'garantida contra defeito' – que custou 10 libras."*

Fotos: iStock/Getty Images

Na época, outra onda que pegou muitos jovens ingleses foi o *skiffle*. Era um estilo de música que ganhou fama com Lonnie Donegan e sua canção *Rock Island Line*, lançada no início de 1956, cuja batida misturava um pouco de jazz, blues e country. No entanto, o que encantou a geração de John foi a simplicidade: uma banda de *skiffle* tinha instrumentos como uma tábua de lavar roupa, um violão e o "tea chest bass", um baixo feito com cabo de vassoura e uma caixa de chá. Com alguns amigos, era possível ter uma banda.

The Quarrymen

Entre as cerca de cinco mil bandas de *skiffle* que surgiram na Inglaterra entre 1956 e 1957, pouco mais de 700 estavam em Liverpool. Uma delas era formada por seis estudantes da Quarry Bank High School For Boys: John Lennon, Bill Smith, Eric Griffiths, Rod Davis, Pete Shotton e Colin Hanton. O grupo, que inicialmente recebeu o nome The Black Jacks, logo foi batizado como The Quarrymen, em referência à escola.

Uma das apresentações mais importantes da banda foi feita no dia 6 de julho de 1957, em uma festa realizada no pátio da Igreja Saint Peter, no subúrbio de Woolton. The Quarrymen tocou em um palco improvisado na carroceria de um caminhão para algumas dezenas de pessoas que participavam das festividades. Entre elas, estava um jovem James Paul McCartney, que foi apresentado a John depois do show. Interessado em fazer parte do grupo, Paul impressionou Lennon ao tocar *Twenty Flight Rock*, de Eddie Cochran, com os acordes corretos. A partir daquele dia, começava uma das maiores parcerias da história da música, Lennon/McCartney (saiba mais na página 36).

Foto: Hens Zimmerman /Wikimedia Commons

> *"Paul McCartney se tornou um membro cada vez mais estável da banda, tanto que, em fevereiro de 1958, apresentou a John seu amigo de escola, George Harrison, que também era grande fã de Elvis Presley."*

Aliás, a entrada e saída de integrantes era algo corriqueiro, o que dificultava manter uma formação estável. Inicialmente, as brigas entre os rapazes aconteciam pelos motivos mais comuns; posteriormente, os garotos, recém-saídos do colégio, tinham que se dedicar aos trabalhos em período integral. John conseguiu ingressar no Liverpool College of Art para estudar artes, o que lhe garantia tempo para a banda.

Paul McCartney se tornou um membro cada vez mais estável do Quarrymen, tanto que, em fevereiro de 1958, apresentou a John seu amigo de escola, George Harrison, que também era grande fã de Elvis Presley. Como cartão de visitas, George tocou *Raunchy*, uma música instrumental de Bill Justis, e agradou Lennon. A partir daquele momento, Harrison foi aceito pelo grupo.

Após um período sem apresentações, The Quarrymen conseguiu tocar algumas noites do Casbah, um café de Liverpool, e participou de um concurso promovido por Carroll Lewis, um conhecido caçador de talentos da Inglaterra. Na ocasião, eles se apresentaram como Johnny and The Moondogs. A banda conseguiu chegar às finais, que foram realizadas em Manchester. No entanto, sem condições de ficar na cidade, tiveram que desistir.

Na pegada beat

No começo de 1960, The Quarrymen ganhou um novo integrante. Stuart Sutcliffe era um dos melhores amigos de John Lennon na Liverpool College of Art e sempre acompanhava a banda nos ensaios. Quando Stu, como era conhecido, ganhou um concurso de pintura e recebeu 60 libras como prêmio, decidiu investir em um baixo Hofner para se juntar a John e seus parceiros na banda – apesar de não saber tocar uma só nota do instrumento.

A partir daquele ano, as coisas tomariam um novo rumo para o grupo, a começar pelo nome. Como não eram mais estudantes de Quarry Bank, Stu sugeriu uma mudança para The Beatles, que misturava o beat musical com uma referência a Buddy Holly and The Crickets. Antes de um grande show em Liverpool com as bandas do momento, no entanto, um dos produtores achou melhor colocar um nome maior, como Long John and The Silver Beatles. Lennon não gostou da ideia de ser chamado de Long John; no final, eles se apresentaram como The Silver Beatles.

Amadurecimento

Em maio de 1960, John e companhia saíram em sua primeira turnê como banda. O cantor Johnny Gentle faria uma excursão de nove dias pela Escócia e precisava de um grupo de apoio para tocar com ele. Foi Allan Williams, dono de um bar que os rapazes sempre frequentavam, quem fez o papel de empresário. Apesar de can-

> *"Agora batizada como The Beatles, a banda encarou uma verdadeira maratona. O contrato previa shows de até seis horas por dia, de segunda a domingo"*

sativa e frustrante (com direito a um acidente com a van que os transportava), havia sido uma experiência inédita para o The Silver Beatles.

Foi Allan Williams, aliás, o responsável pela ida de John, Paul e George para Hamburgo, na Alemanha. Em uma viagem a Londres, ele encontrou Bruno Koschmider, dono da Kaiserkeller, conhecida casa de shows da cidade alemã. Koschmider estava procurando bandas inglesas que pudessem tocar em seu estabelecimento. Ele havia levado Tony Sheridan para se apresentar no local e o show havia sido um sucesso.

No dia 16 de agosto, John, Paul, George, Stu e Pete Best, o novo baterista, embarcaram numa van junto com Williams e foram para Hamburgo. Na chegada, o ânimo virou decepção: eles tocariam no Indra, um clube pequeno da cidade, e dormiriam em uma sala minúscula atrás da tela de projeção de um cinema. Longe de casa e sem condições de desistir, encararam o desafio.

Agora batizada como The Beatles, a banda encarou uma verdadeira maratona. O contrato previa shows de até seis horas por dia, de segunda a domingo. Além disso, havia

Foto: Shutterstock Images

o problema de ser um público estrangeiro e acostumado com agitação. O jeito, então, era não somente tocar, mas pular e se contorcer em performances cheias de atitude, o que rendeu um grande aprendizado. "Nós melhoramos e ficamos mais confiantes. Não tínhamos como evitar, com toda a experiência, tocando a noite toda", lembra John.

Os Beatles se apresentaram no Indra e no Kaiserkeller, de Bruno Koschmider. No entanto, quando aceitaram um convite para um show na Top Ten, uma concorrente, Koschmider se vingou da traição, denunciando George às autoridades – Harrison era menor de idade. Paul e Pete foram deportados após um incidente no cinema, e John decidiu partir antes de ser pego. Stu foi o único a ficar por causa de seu namoro com a fotógrafa Astrid Kirchherr.

Na volta para Liverpool, o grupo foi convidado a tocar no Cavern Club, um bar conhecido na cena da cidade. O local é uma referência na carreira da banda, já que os Beatles se apresentaram lá 292 vezes. Acostumados com maratonas, os rapazes voltaram a Hamburgo – dessa vez, legalizados – onde somaram mais 92 noites de shows à carreira. Definitivamente, eles se tornaram uma banda experiente.

Gente grande

Brian Epstein era gerente de uma loja de discos de Liverpool quando uma cliente perguntou sobre um single chamado *My Bonnie*, gravado por Tony Sheridan e The Beat Brothers. Curioso com a banda, o empresário saiu à procura dos tais músicos, até que descobriu o real nome do grupo e que tocavam regularmente no Cavern Club.

Epstein achou o grupo meio duro no palco, mas gostou da música e do humor dos rapazes. Assim, marcou uma reunião em que discutiria um possível contrato com eles. Assim, em 24 de janeiro de 1962, Brian Epstein se tornou o empresário dos Beatles, e sua primeira grande missão era encontrar uma gravadora de grande porte que quisesse gravar.

Epstein mostrou as músicas a várias empresas, mas somente a Parlophone, um selo da gigante

"Epstein achou o grupo meio duro no palco, mas gostou da música e do humor dos rapazes. Assim, marcou uma reunião em que discutiria um possível contrato com a banda"

EMI voltado até então para produções humorísticas, aceitou conversar sobre o material. O produtor George Martin gostou de algumas canções e decidiu que valeria a pena investir nos Beatles.

Havia ainda um último entrave: o baterista Pete Best destoava dos outros integrantes por seu comportamento tímido e pelo estilo que não combinava para as gravações em estúdio. John, Paul e George conheciam o baterista da Rory Storm and The Hurricanes, chamado Ringo Starr, e acreditavam que seria uma boa escolha. Mesmo sob protestos dos fãs, Best foi demitido e Ringo, chamado para, assim, completar os Beatles.

A "profecia" de Epstein

Uma das primeiras tentativas de Brian Epstein foi com a gravadora Decca, uma das maiores da Inglaterra na época. Ele ouviu dos produtores que os Beatles não dariam certo e rebateu: "Vocês devem estar loucos. Esses garotos vão explodir. Eu tenho total confiança de que um dia eles serão maiores que Elvis Presley".

Foto: Shutterstock Images

A mania chamada Beatles

A chegada da banda aos Estados Unidos marcou o início da maior onda de histeria já registrada na música

Texto **Thiago Koguchi** | Design **Vanessa Sueishi**

No começo de 1964, durante uma turnê na França, os Beatles estavam hospedados no Hotel George V, em Paris, quando Brian Epstein surgiu, altas horas da noite, com uma grande notícia: *I Want To Hold Your Hand* havia chegado ao número 1 da revista norte-americana Billboard. Entre euforia, briga de travesseiros e Paul andando de cavalinho nas costas do segurança Mal Evans, eles finalmente cumpririam sua promessa: só iriam para os EUA depois que alcançassem o topo por lá, numa mistura de arrogância juvenil somada ao sonho do sucesso.

De single em single

A chegada até o topo começou oficialmente em setembro de 1962, quando os Beatles entraram nos estúdios Abbey Road para as primeiras gravações. De cara, um impasse: George Martin queria que a banda gravasse *How Do You Do It* para o single de estreia, mas os rapazes acreditavam em *Love Me Do*, assinada pelo duo Lennon/McCartney. No mês seguinte, a canção seria o lado A do single, enquanto *P.S. I Love You* estaria no lado B. O trabalho inicial alcançou o 17º lugar nas paradas britânicas, um resultado muito bom para uma banda conhecida somente em parte do país.

O bom retorno garantiu à banda a continuidade do trabalho. Pouco menos de um mês depois do primeiro single, eles voltaram aos estúdios para o próximo lançamento, que tinha *Please Please Me* e *Ask Me Why*. Durante a gravação, George Martin anunciou no circuito interno de Abbey Road: "Parabéns, cavalheiros. Vocês acabaram de fazer o primeiro número um". A profecia do produtor se confirmaria no single seguinte, composto por *From Me To You* e *Thank You Girl*. A dobradinha foi lançada em abril de 1963 e ficou sete semanas no topo dos mais vendidos na Inglaterra.

Os Beatles lançariam mais dois singles naquele ano e se consolidariam como os artistas número um da terra da rainha. *She Loves You/I'll Get You*, lançado em agosto, vendeu quase dois milhões de cópias e bateu recordes de vendas. E a chegada de *I Want To Hold Your Hand/This Boy* no final do ano foi apenas a confirmação de que os Beatles eram uma mania na Inglaterra.

A conquista do Tio Sam

Se o sucesso na terra natal já era uma realidade, nos Estados Unidos a coisa foi bem diferente – e mais complicada. Os Beatles eram pouco conhecidos entre os norte-americanos, tanto que a Capitol Records, representante da EMI no país, chegou a repassar os direitos para um selo menor chamado Vee-Jay.

Foto: iStock/Getty Images

A primeira tentativa foi com o single *Please Please Me/ Ask Me Why*. Apesar de não ter ido tão mal (ficou no Top 40 da Billboard), um erro de impressão na capa anunciou a banda como Beattles, com dois Tes. Outros lançamentos chegaram ao mercado dos Estados Unidos, mas os resultados eram fracos e pouco empolgantes.

Apesar disso, os executivos da gravadora continuavam a fazer suas apostas na banda, já que os Beatles já eram uma febre do outro lado do Atlântico. Então, começou uma verdadeira *blitzkrieg* nos Estados Unidos: além do single *Love Me Do/P.S. I Love You*, a Capitol lançou dois discos em pouco mais de dez dias, chamados *Meet The Beatles* e *Introducing The Beatles*. Mas foi com *I Want To Hold Your Hand/This Boy* que os quatro rapazes de Liverpool, finalmente, tornaram-se número um na América.

O dia em que NY parou

Em outubro de 1963, o apresentador norte-americano Ed Sullivan, um dos mais populares do país, estava em Londres quando viu os Beatles retornarem de uma turnê. A multidão de fãs que os esperavam no aeroporto impressionou Sullivan, que tratou de acertar uma participação em seu show em fevereiro do ano seguinte.

A data não poderia ter sido melhor. Além de os Beatles estarem no topo dos EUA no início de 1964, havia também um fator inesperado: o país ainda estava de luto pela morte do presidente John F. Kennedy, em novembro do ano anterior. No entanto, quando eles desembarcaram em Nova York, em 7 de fevereiro, os gritos e a histeria das fãs pareciam ter espantado o momento triste.

Isso se confirmou dois dias depois, quando John, Paul, George e Ringo tocaram cinco músicas no *The Ed Sullivan Show*: *All My Loving*, *Till There Was You*, *She Loves You*, *I Saw Her Standing There* e *I Want To Hold Your Hand*. Cerca de 73 milhões de pessoas assistiram à apresentação pela tevê, um recorde até então. Diz-se que a cidade de Nova York não registrou um furto ou roubo nos quinze minutos em que os Beatles estiveram no ar. A Beatlemania era uma realidade.

John, Paul, George e Ringo (esq. para dir.), logo após sua chegada em Nova York, em 1964

Foto: Wikimedia Commons

O sonho acabou

Como foram os últimos e turbulentos capítulos da banda criada por John – e terminada por ele mesmo

Texto **Thiago Koguchi** | Design **Vanessa Sueishi**

"Eu era a morsa/Mas agora eu sou John/Então, queridos amigos/Vocês só têm que continuar/O sonho acabou". Nos versos finais da música *God*, de seu primeiro álbum pós-Beatles, o *John Lennon/Plastic Ono Band*, lançado no final de 1970, Lennon não somente decretou o fim da banda que ele mesmo começou, mas também remover as esperanças que pareciam ter surgido nos incríveis anos 60. Ainda sob o impacto de um mundo sem os Beatles, as pessoas se perguntavam: por quê eles terminaram?

Caminhos tortuosos

Pode-se dizer que tudo começou em 29 de agosto de 1966. Quando os Beatles tocaram *Long Tall Sally* no Candlestick Park, na cidade de San Francisco (EUA), não representava somente o fim de mais um show, mas de toda a loucura da Beatlemania. John, George e Ringo já haviam convencido Paul de que eles deveriam parar com as performances ao vivo, e aquela seria a última apresentação.

Por três meses, cada um tomou seu caminho, e John percebeu que algo poderia mudar "Pensei: 'Bem, na verdade esse deve ser o fim. Não há mais turnês. Isso quer dizer que haverá um espaço vazio no futuro'. Foi então que comecei a pensar na possibilidade de uma vida sem os Beatles. E a partir daí foi plantada a semente da ideia de que eu de algum modo devia sair sem ser expulso pelos outros", revelou. O problema é que a ideia ainda era muito recente, e Lennon não tinha a coragem para sair sozinho da banda que ele havia criado.

> *"Por três meses, cada um tomou seu caminho, e John percebeu que algo poderia mudar"*

Fotos: Reprodução

No final do mesmo ano, a banda começou seu novo projeto. "Queremos fazer o nosso melhor álbum e levar o tempo que for preciso", explicou Lennon ao produtor George Martin. Cinco meses e muitas horas de gravação depois, os Beatles lançaram *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band*, considerado até hoje um dos melhores álbuns da história. Pouco menos de dois meses depois, no entanto, veio a primeira bomba: Brian Epstein, o empresário que praticamente criou e cuidou dos quatro, havia morrido de uma overdose de soníferos.

"Ali, eu soube que estávamos ferrados. Eu não tinha ilusão a respeito de nossa incapacidade em fazer outra coisa que não fosse tocar, e fiquei assustado", confessou John. No entanto, Paul McCartney decidiu que eles deveriam seguir com o projeto *Magical Mistery Tour*, que incluía filmagens durante uma excursão da banda. Depois da morte de Epstein, Paul parecia ter tomado para si os rumos do grupo, o que começou a desagradar os colegas. Quando o filme foi lançado, as críticas foram muito negativas, e Lennon confessou ter ficado um pouco feliz ao ver o fracasso do longa.

Geniais e geniosos

Em fevereiro de 1968, George Harrison convenceu os outros membros a estudar meditação na Índia – o guitarrista estava cada vez mais interessado na cultura e filosofia orientais. No entanto, a experiência se revelou meio frustrante. George ficou irritado ao ver que John e Paul estavam usando o seu tempo para compor. Além disso, Ringo não ficou mais que poucas semanas, já que a comida indiana era muito forte para seu organismo.

Na volta, John decidiu assumir de vez seu relacionamento com Yoko Ono, o que o levou a terminar seu casamento com Cynthia. O problema é que Lennon queria sua companheira presente em todos os momentos de sua vida, e isso incluía até mesmo participar dos trabalhos com a banda, como se fosse uma integrante. O fato desagradava um pouco os outros beatles, já que pouquíssimas pessoas participavam das sessões.

Com essa atitude, a posição de Lennon era clara: ele queria que Yoko Ono fizesse parte do grupo. "John fundou a banda, por isso achava que os outros tinham de aceitar. Eu não fazia questão de fazer parte", declarou a artista plástica posteriormente. Era uma faca de dois gumes para Paul, George e Ringo; ao mesmo tempo que algumas intervenções do casal parecessem irrelevantes ou ridículas, Yoko dava confiança para que John trabalhasse ainda melhor.

> *"John e Yoko juntos também representava outro ponto importante: a parceria com Paul não seria mais a mesma"*

John e Yoko juntos também representava outro ponto importante: a parceria com Paul não seria mais a mesma. Durante a gravação de *The Beatles* (o famoso "Álbum Branco"), ficou evidente que a capacidade criativa de Lennon e McCartney era forte; o problema era que se baseava mais na competição do que em incentivos. Paralelamente, George começava a compor com mais intensidade e até mesmo Ringo tinha músicas de autoria própria para gravar.

Isso gerou outro problema: cada integrante via seus colegas como meros músicos de suporte. O primeiro a perceber isso foi Ringo. Durante

Foto: Reprodução

uma gravação, ele ficou irritado com as ordens de Paul e abandonou o estúdio. Após duas semanas e muitas conversas, o baterista voltou ao trabalho, sendo recebido com flores pelos amigos. Por conta de todos esses fatos, McCartney já chamou o *The Beatles* de "álbum tenso".

Negócios à parte

Sem Brian Epstein, mas com muito dinheiro, os Beatles decidiram investir em um negócio próprio, onde poderiam inclusive contratar e lançar outros artistas. Assim, a Apple – que se tornou uma corporação com diversos segmentos – foi criada. No entanto, a solução viraria uma enorme dor de cabeça pois nenhum deles entendia de administração, e um pequeno caos começou a se formar nas finanças da empresa.

As divergências que surgiram a partir dali também desgastaram um grupo já combalido. Enquanto Paul queria que seu cunhado e seu sogro, John e Lee Eastman, cuidassem dos negócios; John, George e Ringo preferiam Allen Klein, um empresário que há tempos queria trabalhar com a banda. As discussões por conta dos rumos da Apple chegaram a tal ponto que McCartney foi obrigado a assinar um contrato que nomeava Klein como o manager dos Beatles, mas o baixista jamais concordou.

Aliado a isso, surgiu a ideia de um novo projeto, que se tornou o álbum *Let It Be*. As sessões do álbum seriam gravadas a fim de se tornar um documentário posteriormente. Havia também a discussão sobre uma possível retomada das apresentações ao vivo, que havia empolgado principalmente John. No entanto, George era o mais incomodado com a ideia.

Aliás, George Harrison deixou evidente sua insatisfação com o momento. Enquanto ele se irritava com as constantes ordens de um *workaholic* Paul, suas diferenças em relação a John quase chegaram às vias de fato – alguns dizem que eles realmente brigaram. George abandonou os estúdios, mas Lennon parecia indiferente ao fato, tanto que sugeriu a entrada de Eric Clapton no lugar do companheiro. Dois dias depois, contudo, Harrison voltou, mas pediu que abandonassem a ideia dos shows ao vivo.

> *"George abandonou os estúdios, mas Lennon parecia indiferente ao fato, tanto que sugeriu a entrada de Eric Clapton no lugar do companheiro. Dois dias depois, contudo, Harrison voltou, mas pediu que abandonassem a ideia dos shows ao vivo"*

Foto: iStock/Getty Images

> *As sessões para Abbey Road foram surpreendentemente mais tranquilas. Talvez porque todos sentiam que o disco seria o último trabalho dos Beatles juntos*

Rumos distintos

Se as gravações de *Let It Be* foram tensas, as sessões para *Abbey Road* foram surpreendentemente mais tranquilas. Talvez porque todos sentiam que o disco seria o último trabalho dos Beatles juntos. Na época das gravações (1969), os integrantes já tinham projetos paralelos, como a *Plastic Ono Band*, de John e Yoko. Além disso, o desgaste era evidente.

Poucos dias depois do lançamento de *Abbey Road*, Paul tentou mais uma vez convencer seus companheiros a realizar uma turnê, a fim de reviver "os velhos tempos". A resposta de John, contudo, foi arrebatadora: "Acho que você está doido. Não ia falar nada, mas estou terminando a banda. E eu me sinto bem. É como um divórcio". Lennon, informalmente, decretaria o final do sonho que havia começado pouco mais de 20 anos antes.

A resposta deixou todos perplexos, inclusive Yoko Ono. A questão era que o fim ainda não podia ser anunciado: Allen Klein havia fechado bons contratos recentemente e o anúncio colocaria tudo a perder. Havia também a intenção de lançar o material gravado para *Let It Be*, que John chamou de "o pior monte de merda já gravado". O álbum, lançado em 24 de abril de 1970, foi o último esforço criativo da maior banda de todos os tempos.

> *Não ia falar nada, mas estou terminando a banda. E eu me sinto bem*
>
> *John Lennon*

Pedido aceito

O fim da banda foi um choque enorme para Paul – o baixista chegou a ficar dias em casa sem produzir nada, somente bebendo. Com um pequeno "chacoalhão" de sua esposa Linda, decidiu voltar a compor para um trabalho solo. Ele ligou para Lennon pra informar que também estava deixando a banda. "Ótimo. Com você, somos dois a aceitar o fato", respondeu John.

Fotos: Reprodução

~~Amigos~~ Parceiros para sempre

A química musical da dupla Lennon / McCartney produziu agumas das melhores músicas de todos os tempos, mas também muita história para se contar. Boas e más

Texto **David Cintra** | Design **Vanessa Sueishi**

Desde que se conheceu, a dupla Lennon / McCartney, como era estampado nas capas e nos rótulos dos discos dos Beatles, tornou-se uma espécie de entidade cultural, uma verdadeira fábrica de ideias que criou algumas das composições mais geniais do século 20. Mas a parceria se manteve quase sempre nos limites do campo artístico. A amizade não resisitiu à convivência por tempo prolongado e, quando colocada à prova, o rompimento foi inevitável. O que os uniu foi apenas a arte, pois compartilhavam de inúmeras referências em comum: haviam crescido lendo os mesmos livros, gostavam de teatro e tinham admiração pelos mesmos artistas, em particular os do emergente rock'n'roll.

Afinidades e diferenças

Assim como o pai de John, o de Paul, Jim McCartney, tinha talento musical e chegou até a formar uma banda para tocar em bailes, mas não construiu uma carreira e logo passaria a ser o cara que sabia tocar alguma coisa quando tinha festas. Igualmente, os dois perderam as mães na adolescência. Mary McCartney, a mãe de Paul, morreu vítima de um câncer de mama, em 1956, mais ou menos um ano antes de Julia (leia mais na pág. 15).

Ao contrário de John, Paul não se envolvia em brigas e prezava por saídas mais diplomáticas caso o clima esquentasse. Nunca foi simpatizante do tipo de rebeldia que partia para o confronto. Na verdade, essa sempre foi uma grande diferença entre os parceiros. Um era o típico adolescente revoltado, que expressava sua insatisfação quebrando as regras – e, às vezes, coisas ou pessoas – enquanto o outro era do tipo "certinho" e que parecia saber muito bem o que buscava.

Foto: CBS/Divulgação

Mãos às obras

Paul se interessou primeiro pela composição. Escreveu sua primeira música em 1956, chamada *I Lost My Little Girl*. Quando foi admitido no grupo, já tinha pelo menos dez canções. Não muito tempo depois de se conhecer, o duo já esboçava sua primeiras composições. Em cerca de seis meses, quando passavam as tardes ensaiando na casa de Paul, tinham feito algo em torno de 20 músicas. Nesses primeiros esboços, estão os embriões de alguns sucessos que seriam cantados pelo mundo todo, como *Love Me Do*.

No entanto, como o Quarrymen – e também os Beatles no início – privilegiava versões de sucessos da época esses originais ficaram adormecidos por um tempo. Uma parte deles apareceria em 1963, quando foi lançado *Please Please Me*, o primeiro álbum dos Beatles, com oito originais de McCartney / Lennon (crédito seria invertido depois, por sugestão de John). Nessa época, já tinham um acordo de cavalheiros, pelo qual assinariam juntos todas as composições, mesmo que não fosse feita realmente a dois, algo que começou a ser frequente a partir de 1965 e, nos dias finais da banda, tornaria-se a regra.

Competição saudável

Em 1964, *Can't Buy me Love*, escrita inteiramente por Paul, alcançou os primeiros lugares nos EUA e na Inglaterra. Estava inaugurada a corrida pelos lados A dos singles. Em resposta, Lennon compôs os quatro hits da banda que se seguiram: *A Hard Day's Night*, *I Feel Fine*, *Ticket to Ride* e *Help!*, além da maioria das faixas do álbum *A Hard Day's Night*. O surto criativo de John mexeu com o ego de Paul que, em 1965, voltou a equilibrar a disputa, com participação "palavra a palavra e nota a nota" nos álbuns *Help!* e *Rubber Soul*.

A cumplicidade foi mantida até por volta de 1967. No álbum *Sgt. Peppers*, que representou uma grande mudança nos rumos do grupo e da própria música pop e rock, os dois ainda escreveriam e colaborariam um com o outro em várias faixas (apenas *Within You Without You* é de Harrison). Juntos, fizeram *With a Little Help From My Friends*, *Lucy In The Sky With Diamonds*, *Getting Better*, *She's Leaving Home* e *A Day In The Life*. Talvez, as melhores do clássico disco. Se *Sgt.Peppers* representou o auge dos Beatles, foi também o último trabalho que fariam como um grupo de verdade. A sintonia (e o encanto) que os mantinham unidos seria quebrada de várias maneiras, algo que ficaria claro nas sessões dos ábuns seguintes.

É guerra!

The Beatles, ou o *Álbum Branco*, de 1968, na prática, o disco é uma coletânea com músicas dos quatro integrantes da banda. Apesar de assinarem 25 das 30 faixas, Lennon e McCartney fizeram realmente juntos apenas *Birthday*. O incrível é que nessa fase e até o fim oficial da banda, separadamente eles haviam atingido a maturidade em termos de composição e fizeram seus melhores trabalhos. Não por acaso, o disco é tido por uma boa parte dos beatlemaníacos como o melhor da carreira do grupo. A rivalidade acabou servindo como uma espécie de adubo para as mentes criativas de ambos. Para cada grande composição que um deles fazia, o outro tinha uma melhor (ou, pelo menos, no mesmo nível).

Let It Be, gravado em 1969, mas só lançado em 1970, contém apenas três músicas de Lennon – *One After 909*, *Dig a Pony* e *Across The Universe* – uma vez que estva mergulhado em sua relação com Yoko e cada vez mais distante da banda. O clima continuou pesado nas sessões de *Abbey Road*, lançado antes, mas gravado depois de *Let It Be*, apesar de ambos estarem em uma fase de criatividade excepcional.

Após o fim do grupo, porém, eles começaram a mandar recados um ao outro através de suas músicas. É assim que os gênios conversam e brigam também. Em 1971, Paul lançou *RAM*, que seria recheado de referências ao fim dos Beatles, mas também indiretas a John e Yoko, que haviam se tornado praticamente uma só pessoa. Em uma das faixas, *Too Many People*, as referências são tão claras que levou John a "responder" com *How Do You Sleep?* A canção faz parte de *Imagine*, álbum que, por si só, muitos consideram uma reação de Lennon ao sucesso inicial da carreira solo do ex-parceiro. Em sua cabeça, ele tinha o dever de fazer algo melhor, sempre.

> *"Se Sgt.Peppers representou o auge dos Beatles, foi também o último trabalho que fariam como um grupo de verdade"*

Um artista em evolução

Em meio a tantas influências e experiências, John Lennon conseguiu criar uma obra única em sua carreira

Texto **Thiago Koguchi** | Design **Vanessa Sueishi**

John era os Beatles, e a banda era sua vida. Por isso, o comportamento e, principalmente, as músicas que escreveu durante o período em que esteve com Paul, George e Ringo, refletem seu estado de espírito e seu amadurecimento. Ainda que seja uma escolha espinhosa dividir sua obra em meras fases, é possível notar os momentos em que suas composições mostravam quem era Lennon naquele momento.

Foto: Emka74/Shutterstock.com

Antes de tudo

Ouça Elvis Presley, Buddy Holly, Chuck Berry, Gene Vincent, Little Richard

Como já abordado anteriormente, Elvis Presley foi a figura artística que inspirou John Lennon a fazer música. Até mesmo o visual era uma influência direta do rei do rock, principalmente o grande topete que ostentou nos anos de Quarrymen e os primeiros de Beatles.

E foi basicamente o rock do final dos anos 1950 e início da década de 1960 que guiou os Beatles no seu início. Quando era apenas uma banda de covers que tocava nos clubes de Liverpool ou Hamburgo, o setlist do grupo tinha Elvis Presley, Buddy Holy, Gene Vincent, Little Richard e outros grandes nomes. A dupla de compositores que John e Paul mais admiravam era Gerry Goffin e Carole King. "No começo, Paul e eu queríamos ser os Goffin e King da Inglaterra", afirmou Lennon.

Simples e direto

Ouça Please Please Me, With The Beatles

Quando os Beatles entraram pela primeira vez nos estúdios da Abbey Road como artistas profissionais eram jovens com pouco mais de 20 anos, mas com experiência de terem tocado músicas de grandes nomes do rock na época. Além disso, como não tinham dinheiro para comprar partituras, aprenderam a decifrar as harmonias e as letras com seu esforço. Ou seja, sabiam como um grande sucesso era feito.

A receita era básica: músicas simples e cativantes. "Eram canções pop às quais nos dedicávamos basicamente para criar um som. As letras eram quase irrelevantes", recorda John. Se as letras não eram profundas, elas harmonizavam com os arranjos feitos pelo grupo.

Com o tempo, John e Paul aprenderam a identificar o que seu público queria: canções com as quais se identificassem. Por isso, os títulos tinham referências diretas com "you" ou "your" (você e sua, em inglês): *From Me To You*, *I Want To Hold Your Hand*, *She Loves You*. Apesar de uma certa apelação, eles começavam a ficar cada vez mais maduros e seguros para compor.

Foto: Reprodução /Wikimedia Commons

O auge da mania

Ouça A Hard Day's Night

O terceiro álbum lançado pela banda na Inglaterra possui diversas interpretações. Pela primeira vez, todas as músicas de um disco foram compostas exclusivamente pelos Beatles. Nesse momento, John se mostrava como a força criativa do grupo, tendo composto dez das 13 canções. E não podemos nos esquecer do filme homônimo, feito inicialmente para promover ainda mais a imagem dos rapazes.

O amor ainda era a temática do álbum, mas as conquistas e as declarações de afeto começavam a dar lugar para o outro lado. Exemplo disso é a letra de *If I Fell*, que mostra um John Lennon com dúvidas sobre deixar um relacionamento para viver um grande amor. Na verdade, ele revelaria anos depois certo caráter "semiautobiográfico" da canção. "Eu sou um covarde. Eu jamais conseguiria ir embora, deixar Cynthia e ficar sozinho".

I'm so tired

Ouça Beatles For Sale, Help!

A foto de capa de *Beatles For Sale*, o quarto álbum da banda lançado na Inglaterra (1964), mostra quatro jovens de olhar distante e com aparência cansada. A Beatlemania tinha deixados os rapazes exaustos com viagens, compromissos e apresentações. Um reflexo disso foi o próprio disco, em que tiveram tempo para compor apenas oito das quatorze faixas e gravar tudo em dois meses e meio.

Nesse ínterim, Lennon havia sido apresentado às músicas de Bob Dylan, e ficou impressionado com o estilo e, principalmente, com as letras. A segunda faixa do álbum, *I'm a Loser*, era uma influência direta do cantor, num período que Joh chamou de "fase Dylan". "Parte de mim suspeita que sou um perdedor e parte de mim pensa que sou o Todo-Poderoso", disse, em referência à letra.

De repente, ouvia-se John gritar por socorro ("Help") logo no início do disco homônimo. "Eu quis dizer isso mesmo. Era eu gritando por 'socorro'", afirmou. Aquele período havia sido complicado para Lennon, que ganhara peso e sentia uma necessidade grande de mudança. *You've Got To Hide Your Love Away* é outra música do período Dylan, com uma letra bastante profunda e uma música mais lenta. John começava a gostar daquele intimismo em seu trabalho.

Os garotos de Liverpool cresceram

Ouça Rubber Soul

Com a chegada de *Rubber Soul*, era o fim da fase "inocente e tribal" dos Beatles, como John chamou esse período. Realmente, eles estavam dife- rentes, a começar pela capa do álbum: não existe nenhuma referência ao nome da banda, somente ao nome do disco, e os quatro rapazes estão distorcidos e com os olhos vermelhos. Algo começava a fazer efeito neles.

Era um trabalho marcado por algumas novidades, como a primeira música cujo tema não era o amor (*Nowhere Man*, de John), os primeiros acordes da cítara de George e do fuzz bass de Paul. *Rubber Soul* também trouxe um pouco mais do amadurecimento de Lennon, ao expor memórias de sua infância na bela *In My Life*.

Foto: Shutterstock Images

Tudo se transforma

Ouça Revolver

Altos impostos, a solidão, o sono, um submarino amarelo, o médico que receita remédios "diferentes" e o final marcado com uma fita tocada de trás para frente. *Revolver* foi um divisor de águas na carreira dos Beatles, marcado pelo ecletismo e mistura de temas, instrumentos, arranjos e métodos de gravação.

O disco foi lançado durante a última turnê da banda e nenhuma faixa foi tocada nos shows. Aliás, *Revolver* tinha essa intenção: as músicas eram essencialmente de estúdio, sem a preocupação da possibilidade de serem executadas ao vivo ou não. Era o momento de experimentar, fosse um som ou uma substância.

Nada será como antes

Ouça Sgt Pepper's Lonely Hearts Club Band

Após o último show, a banda tirou longas e merecidas férias. Quando voltaram aos estúdios, decidiram que era momento de fazer tudo diferente. O produtor George Martin estava com dúvidas sobre o que queriam. "Ora, é muito simples. A gente não quer mais esse papel dos Fab Four bonitinhos. A gente não vai mais dar nenhum show, assim vamos poder fazer uma música impossível de apresentar no palco. Queremos fazer o nosso melhor álbum e levar o tempo que for preciso". Lennon – e os outros – sabiam o que queriam.

Nas primeiras sessões, John gravou o single *Strawberry Fields Forever*, na qual relata suas vivências de infância, em que parecia "ver as coisas de uma maneira diferente da maioria das pessoas". Mas ele não estava tão envolvido nos processos de *Sgt Pepper's Lonely Hearts Club Band*, talvez por causa das drogas ou por não conseguir lidar com a intensidade criativa de Paul.

Ainda assim, John escreveu, entre outras, *Lucy In The Sky With Diamonds* (que dizia não ser sobre LSD), e *A Day In The Life*, em que o produtor George Martin conseguiu juntar metade da letra de Lennon com outra parte de Paul. No final, os Beatles produziam uma obra tão peculiar que se tornou uma referência desde então, além de ter embalado o movimento da contracultura no final dos anos 60.

Foto: Shutterstock Images

Maturidade e fim

Ouça The Beatles, Abbey Road, Let It Be

Depois um período na Índia, onde aprenderam sobre meditação e cultura oriental, os Beatles voltaram com ideias para o próximo trabalho. Após dois discos cheios de experimentalismo, a palavra de ordem parecia ser simplicidade, desde a capa branca até os temas e arranjos.

Era também um momento complicado, com a morte de Brian Epstein e uma rivalidade velada entre John e Paul. Após um período de pouca criatividade, Lennon voltava à ativa com comentários sarcásticos (*Glass Onion*), memórias da infância e, principalmente, de sua mãe (*Julia*), e até um blues sobre um amor desesperado para sua nova esposa, Yoko Ono (*Yer Blues*).

Com o aumento das tensões na banda, as disputas se acirravam. As gravações de *Let It Be* foram marcadas por discussões e até questões sobre Lennon e McCartney lançarem suas músicas em lados separados do LP. No último trabalho em equipe, *Abbey Road*, os ânimos se acalmaram, pois havia a sensação de que seria o derradeiro álbum. No final, a banda criou uma obra-prima, em que John abre com a genial *Come Together*, inicialmente criada para uma campanha eleitoral.

Solo, som e fúria

Experimentalismo, críticas, ativismo político: John fez de tudo depois de deixar os Beatles

Texto **Thiago Koguchi** | Design **Vanessa Sueishi**

John Lennon se despediu oficialmente dos Beatles em 5 de setembro de 1969, colocando um fim na banda que ele mesmo criou. No entanto, antes da separação, ele já havia mostrado sua capacidade de criar sem Paul, George e Ringo. E mesmo depois de sair da banda, ainda trabalhou com os antigos companheiros – exceto McCartney, porque os atritos entre os dois custaram a se atenuar.

A capa polêmica

Enquanto os Beatles estavam em estúdio trabalhando em seu álbum *The Beatles*, John passava por problemas no casamento. Sua esposa Cynthia sentia-se cada vez mais infeliz e distante do marido, e decidiu viajar com alguns amigos para a Grécia, em maio de 1968. Sozinho em casa, Lennon fez um convite para a artista plástica Yoko Ono: "você quer ouvir algumas das coisas que eu tenho tocado em meu estúdio?".

E foi o que fizeram. As gravações de Lennon eram experiências musicais que havia feito, mas que dificilmente fariam parte de alguma composição da banda. Yoko Ono sugeriu então que eles fizessem seus próprios sons. Quando Cynthia retornou de viagem, surpreendeu-se com os dois sentados no chão, com roupões brancos e se entreolhando enquanto compunham.

Yoko era uma artista que já havia participado de eventos multimídia, e John estava a todo tempo criando sons. Assim, o resultado era composto de verdadeiras experiências sonoras, feitas com diversos tipos de instrumentos e efeitos de gravação. Mais do que músicas, o encontro selou de vez o sentimento de Lennon por Ono. "Bem, depois que Yoko e eu nos encontramos, eu não percebi que estava apaixonado por ela. Eu ainda pensava nisso como uma colaboração artística, como realmente foi", declarou à revista Playboy em uma de suas últimas entrevistas, em 1980.

Em 11 de novembro de 1968, era lançado *Unfinished Music No. 1: Two Virgins*, o primeiro disco de John Lennon com Yoko Ono – e sem os Beatles. Mas se as faixas do disco já causariam estranheza, a imagem de capa causou muita polêmica: uma fotografia do casal abraçado de lado completamente nus, sem qualquer censura.

Lennon argumentou que a capa "parecia natural para nós. Todos estamos realmente nus". O álbum causou muitas controvérsias e foi considerado obsceno em muitos

> *"Yoko era uma artista que já havia participado de eventos multimídia, e John estava a todo tempo criando sons. Assim, o resultado era composto de verdadeiras experiências sonoras, feitas com diversos tipos de instrumentos e efeitos de gravação"*

Fotos: Reprodução

Foto: ShutterStock Images

A OBRA

lugares – 30 mil cópias chegaram a ser recolhidas no estado de Nova Jersey, nos Estados Unidos, em janeiro de 1969. Para outros lançamentos, novas estratégias foram adotadas, como a utilização da imagem em que o casal estava de costas (e ainda nus) ou com um papel marrom que cobria boa parte da foto.

Two Virgins, como ficou conhecido posteriormente, chamou mais a atenção pela polêmica do que realmente pela música. O álbum não emplacou na Inglaterra, mas chegou a alcançar a modesta 124ª posição na lista dos mais vendidos nos Estados Unidos. A experiência, no entanto, foi o primeiro trabalho de Lennon com Yoko Ono e sem os usuais companheiros.

Fim das experiências

A intenção do casal Lennon/Ono era criar uma série com *Unfinished Song*, uma tentativa de fazer registros da vida a dois. Seis meses depois do lançamento do polêmico *Two Virgins*, chegava ao mercado *Unfinished Music No. 2: Life with the Lions*, uma continuação da proposta, cujo nome havia sido inspirado em um programa de rádio da rede estatal BBC.

As gravações foram divididas em duas partes. A primeira (que ficou no lado B do álbum) foi executada no hospital Queen Charlotte, no período em que Yoko Ono se recuperava de um acidente de carro. Na ocasião, um gravador de fita cassete fez todos os registros dos sons feitos no quarto do casal. A segunda – o lado A do disco – consistia em uma performance do casal na Universidade de Cambridge.

Life with the Lions foi lançado em maio de 1969 pela Zapple, uma subsidiária da Apple – o selo criado pelos Beatles. Mesmo com uma capa menos polêmica (dessa vez, era um registro de John ao lado de Yoko na cama do hospital), o álbum não teve um grande desempenho. Apesar das 60 mil cópias vendidas nos Estados Unidos, pouco mais de cinco mil foram comercializadas na Inglaterra. John ficou desapontado com a empresa, que havia feito quase nenhum esforço para promover o trabalho.

O último disco da fase experimental, *Wedding Album*, também era o auge da proposta de registrar a vida do casal. "Era como dividir nosso casamento com qualquer pessoa que quisesse dividi-lo conosco. Não esperáva-

Fotos: ShutterStock Images

> *John estava finalmente separado dos Beatles, e isso o impulsionou a buscar novos rumos para si mesmo*

mos um grande sucesso dele. Era mais como... por isso se chama 'Álbum de Casamento'. Você sabe, pessoas fazem um álbum de casamento, mostram para parentes quando eles aparecerem. Bem, nossos parentes são o que você chama de fãs", explicou Lennon.

O álbum possui apenas uma faixa de cada lado, com duração média de 22 minutos. Enquanto o lado A é um registro aberto de John e Yoko se chamando, a face oposta, chamada *Amsterdam*, tinha gravações do período de "Bed-in" que o casal fez na lua de mel na capital holandesa. Com isso, chegava ao fim a fase de experiências musicais de Lennon/Ono – junto com a saída definitiva de John dos Beatles.

Finalmente solo

John estava finalmente separado dos Beatles, e isso o impulsionou a buscar novos rumos para si mesmo. Junto de Yoko Ono, começou a fazer a chamada terapia do grito primal, uma psicoterapia criada por Arthur Janov, que inclusive foi o responsável pelos encontros. O tratamento se baseava em revelar comportamentos reprimidos na infância, algo que pareceu fazer bem a Lennon.

Assim, John começou a compor demos para um novo trabalho, e logo estava de volta aos estúdios Abbey Road para gravar. Junto com a Plastic Ono Band, um grupo conceitual que criou junto com a esposa, deu início a um de seus melhores trabalhos solo, o álbum *John Lennon/Plastic Ono Band*, lançado em dezembro de 1970.

Desta vez, sem tantos experimentalismos, John trabalho com temas espinhosos, como a relação com a mãe (na canção *Mother*) e os ídolos e figuras históricas em que não acredita, como Jesus Cristo, Adolf Hitler, Elvis Presley e até mesmo os Beatles, e também decretou o fim do sonho, na faixa *God*. Além disso, Lennon mostrou sua face politizada em *Working Class Hero*, em que fala sobre a vida dos trabalhadores comuns da Inglaterra.

Foto: Reprodução

A criação do hino

Para o trabalho seguinte, John convidou o ex-colega de banda George Harrison para participar das gravações (George tocou em metade das dez músicas). O guitarrista aproveitou a ocasião e chamou seu amigo, o baixista Klaus Voormann. Lennon também contaria com o apoio do produtor Phil Spector no novo álbum.

O álbum *Imagine*, lançado em 1971, trouxe algumas das músicas mais populares da fase solo de John, a começar pela faixa-título que abre o disco, em que canta um verdadeiro hino de um mundo sem barreiras como as nacionalidades e as religiões. *Jealous Guy* se tornou uma de suas músicas mais regravadas ao longo do tempo. Mas a maior polêmica veio com *How Do You Sleep?*, uma canção agressiva contra as supostas provocações feitas por Paul McCartney no álbum *Ram*. Reza a lenda que, durante as gravações da música, o constrangimento dentro do estúdio era visível entre os presentes.

> *O álbum Imagine, lançado em 1971, trouxe algumas das músicas mais populares da fase solo de John, a começar pela faixa-título que abre o disco, em que canta um verdadeiro hino de um mundo sem barreiras como as nacionalidades e as religiões*

Anos intensos

O casal Lennon Ono se mudou para Nova York no final de 1971 e manteve sua postura de militância na cidade. Isso se refletiu nas composições de *Some Time In New York City*, álbum lançado em 1972. É possível ouvir um forte discurso feminista em *Sisters*, O *Sisters* e os problemas do sistema educacional em *Born in a Prison*. John também se manifestou sobre os conflitos religiosos na Irlanda com *Sunday Bloody Sunday* (sem relação com a composição da banda U2) e *The Luck of the Irish*.

Live Peace in Toronto 1969

É o título do álbum lançado em 12 de dezembro de 1969 pela The Plastic Ono Band. As músicas foram gravadas no Festival Toronto Rock and Roll Revival e é considerado o primeiro disco ao vivo lançado por um beatle, seja no grupo ou em trabalho solo. Os destaques ficam para *Yer Blues*, do "álbum branco", e *Give Peace A Chance*.

Além disso, prestou uma homenagem à ativista do movimento negro Angela Davis na canção *Angela*.

Após forte engajamento social, John preferiu se afastar um pouco das polêmicas. Entretanto, outro problema surgiria em sua vida: seu casamento passava por um momento instável. Em junho de 1973, o casal decidiu se separar, e nos 18 meses seguintes em que se mantiveram distantes, John lançou três álbuns.

Mind Games (1973) não conseguiu manter o mesmo fôlego político de seu antecessor. *Walls and Bridges* (1974) dividiu a crítica, apesar de ter sido um dos trabalhos preferidos de John. Já em *Rock'n'Roll* (1975), Lennon faz covers de compositores clássicos do gênero e que o influenciaram no início de carreira, como Chuck Berry, Fats Domino e Gene Vincent.

Nada mal

Imagine uma banda que juntasse Eric Clapton na guitarra principal, Mitch Mitchell, direto de The Jimi Hendrix Experience na bateria, o eterno Rolling Stones Keith Richards no baixo e Lennon na guitarra e nos vocais. O supergrupo, batizado como The Dirty Mac, fez uma única apresentação no especial de tevê *The Rolling Stones Rock and Roll Circus*, que foi ao ar em 11 de dezembro de 1968. O violinista israelense Ivry Gitlis e a esposa de John, Yoko Ono, também participaram do espetáculo. Desde que John começou a tocar com os Beatles, essa havia sido a primeira vez que se apresentaria com outra formação. Somente 28 anos depois, após questões autorais, a performance foi divulgada em um disco promocional, junto com um vídeo do evento.

Fotos: Reprodução

A dupla e última fantasia de Lennon

O mundo aguardava ansioso o novo trabalho de John, mas jamais esperava o final trágico

Quando Sean Taro Ono Lennon nasceu, em 9 de outubro de 1975, seu pai decidiu colocar a carreira em segundo plano para se dedicar exclusivamente à sua criação. Para quem havia passado os últimos 15 anos em intensa atividade, a "licença-paternidade" sem tempo determinado de John Lennon surpreendeu muita gente.

John havia feito seu anúncio oficial em Tóquio, capital do Japão, em 1977, afirmando que ele e Yoko "haviam basicamente decidido, sem nenhuma grande decisão, ficar com nosso bebê o máximo de tempo que pudermos até sentirmos que podemos ter nosso próprio tempo para criar coisas fora da família". Nesse período, colaborou com uma música para um trabalho de Ringo Starr, fez alguns desenhos e rascunhou um livro com conteúdo autobiográfico.

Durante uma viagem de barco que fez dos Estados Unidos até o arquipélago de Bermudas, em 1980, John passou por algumas experiências que chamou de "terríveis, mas revigorantes". Após uma tempestade em alto mar, Lennon foi obrigado a controlar a embarcação, já que os outros integrantes passaram mal ou estavam extenuados. Ao perceber a fragilidade da vida dentro de uma jornada intensa, ele se sentiu confiante para compor novamente.

> *"Ao perceber a fragilidade da vida dentro de uma jornada intensa, ele se sentiu confiante para compor novamente"*

De volta à ativa, John lançou um single com *(Just Like) Starting Over* e *Kiss Kiss Kiss*, uma composição de Yoko Ono. Mas a expectativa pelo novo trabalho era enorme, já que Lennon ficou cinco anos sem lançar qualquer canção inédita. Assim, no dia 14 de novembro de 1980, lançou, junto com Yoko Ono, *Double Fantasy*, um álbum de estúdio com 14 músicas.

Houve certo desapontamento em relação às músicas, que teve repercussão negativa entre os críticos. Infelizmente, não houve tempo para que John Lennon digerisse as impressões sobre seu trabalho. No dia 8 de dezembro daquele ano, Mark David Chapman tiraria a vida do músico com quatro tiros em frente ao edifício Dakota.

A comoção pela morte fez com que a procura por *Double Fantasy* aumentasse consideravelmente, tanto que se tornou o trabalho mais vendido da carreira solo de John. Além disso, o disco recebeu o prêmio de álbum do ano no Grammy de 1981. Três anos depois, Yoko Ono ainda lançou um trabalho póstumo do marido, *Milk and Honey*.

Fotos: Reprodução

Presença marcante

Quem teve algum contato com Lennon, pessoalmente ou apenas através de sua arte, não pode ficar indiferente à sua forte personalidade

Texto **David Cintra** | Design **Vanessa Sueishi**

Me lembrei de que o vi tocando piano, e então comecei a tocar também. E quando fazia isso eu sempre me sentia em comunhão com ele, como em uma oração sagrada ou algo assim. De alguma maneira, eu estava com ele. Quanto mais eu progredia em termos musicais, eu sentia que estava progredindo também em minha relação com ele. E agora, quanto mais eu compreendo o processo de composição, mais eu sinto que o entendo, porque acima de tudo ele era um compositor.

Sean Lennon

Eu acho que nunca haverá outro como esse maravilhoso irmão, que Deus abençoes sua alma e sua família. John, nós nunca o esqueceremos

James Brown

Era um homem incomum que, mesmo com toda a fama e riqueza, escolheu denunciar e confrontar as doenças sociais e falar contra a insanidade da guerra e a destruição do planeta. Hoje (2005), após vinte e cinco anos de sua morte sem sentido, este país e o mundo todo está atolado na mesma sujeira que John criticou em seu tempo. Talvez a melhor maneira de homenagearmos John Lennon seja, para todos nós, reconhecer que, ao invés de esperar pelo próximo John Lennon, ou um novo mensageiro da paz, temos que nos unir e colocar um fim na loucura e na tolice das guerras; aproveitar nossa força coletiva e nosso poder na causa da paz, do progresso e da compaixão. Apenas imagine que tipo de mundo poderíamos construir.

Carlos Santana

Fotos: Reprodução

Desde quando eles conseguiram um de seus primeiros sucessos com Roll Over Beethoven, eu me tornei bem próximo dos Beatles. Eu me senti como se tivesse perdido uma parte de mim quando John morreu.

Chuck Berry

Depois de ouvir Strawberry Fields, A Day in the Life e I Am the Walrus pela primeira vez, percebi que John Lennon era um gênio que recebeu algum tipo de revelação. Ele encontrou uma maneira de se comunicar através de enigmas divinos, abstrações e vinhetas de impressionismo musical. Quando ele começou sua relação com Yoko, suas composições se tornaram mais específicas, menos inclinadas para as alucinações poéticas de Alice no País das Maravilhas e mais próximas da poesia socialmente consciente de Woody Guthrie. No caso de John, conciliar esses dois mundos gerou algumas das melhores canções pop já feitas.

Pete Townshend

Ele era um músico brilhante e eu respeito muito o que ele representava. John Lennon era um dos nossos, e perdê-lo me deixou completamente louco. Nós temos que ter algumas malditas leis de controle de armas de fogo, bem como psiquiatras que examinem as pessoas que as compram. Porra, qualquer coisa que possa matar pessoas precisa ser controlada; nesse país, é mais fácil comprar uma arma do que tirar carteira de motorista.

Ray Charles

Um cara que tinha como arma uma guitarra, papel e lápis, canções e letras, o sorriso e a brincadeira, ser assassinado dessa forma?

Elis Regina

Fotos: Reprodução

Quando ele foi assassinado, nós éramos muito amigos. Costumávamos nos ligar para trocar receitas de pão. Recebi uma ligação, e foi horrível. Não conseguia aceitar que ele tinha partido. Estava muito triste de não poder vê-lo. O homem que fez aquilo tudo é o idiota de todos os idiotas. Quando eu não tenho certeza sobre alguma coisa, eu 'pergunto' ao John do outro lado da sala. E ele diz: 'Você não pode fazer isso, cara'. E eu respondo: 'Você está certo. Que tal assim?' 'Sim, assim é melhor.' Nós conversamos. Não quero nunca perder isso.

Paul McCartney

Nós não éramos realmente muito íntimos, mas sempre fomos amigos. Depois que os Beatles e os Stones deixaram de tocar em clubes, nós não nos víamos muito, até que ele se separou de Yoko, por volta de 1974. Nós ficamos muito amigos de novo. E quando ele voltou para Yoko, entrou em hibernação... Quando eu ia visitar alguém no Dakota, eu sempre deixava um bilhete para ele dizendo: 'Eu moro ao lado, sei que você não quer ver ninguém, mas se um dia quiser, por favor, telefone'. Ele nunca ligou.

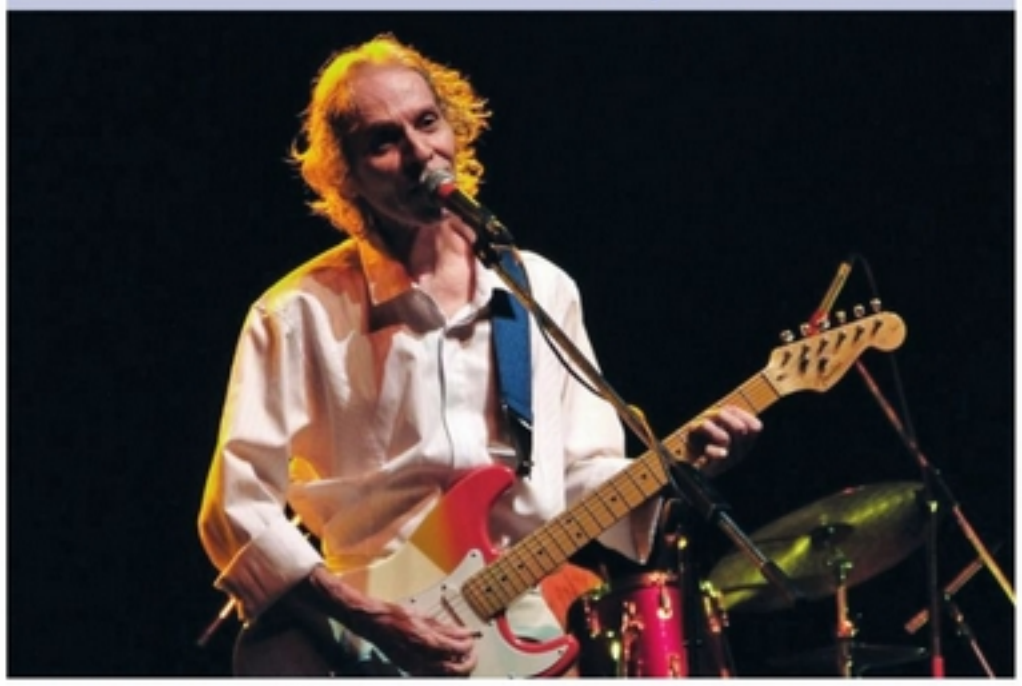
Mick Jagger

Eu acho que ele era um rebelde. Respeito e o admiro por ter falado tanto contra a guerra, assim como por ter sido alguém que procurava pela verdade. Acho que era um grande poeta, foi uma grande tragédia quando ele deixou esse mundo.

Madonna

Como pode acontecer? / Um simples canalha mata um rei / Em menos de um segundo/ Oh! Minha estrela amiga/ Por que você não fez a bala parar?

Beto Guedes e Ronaldo Bastos, em Canção do Novo Mundo



Fotos: Reprodução

A LEMBRANÇA

GRANDES ÍDOLOS DA MÚSICA

JOHN LENNON

GRANDES ÍDOLOS DA MÚSICA - ANO 1 - Nº2 - 2015

EDITORA-CHEFE Viviane Campos e Melanie Fetz **REDATORES** David Cintra e Thiago Koguchi **DESIGNER** Vanessa Sueishi **GRÁFICA** EDIGRÁFICA Gráfica **DISTRIBUIÇÃO** DINAP

Fica proibida a reprodução parcial ou total de qualquer texto ou imagem deste produto sem autorização prévia dos responsáveis pela publicação.

ESTA É UMA PUBLICAÇÃO DA

alto astral editora

©2015 EDITORA ALTO ASTRAL LTDA. TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

PRESIDENTE João Carlos de Almeida
DIRETOR EXECUTIVO Pedro José Chiquito
DIRETOR COMERCIAL Silvino Brasolotto Junior
DIRETOR DE REDAÇÃO Sandro Paveloski

EDITORIAL Gerentes Mara De Santi e Gustavo Cândido • **Editores** Ianara Altheo, Raquel Luciano **Assistente editorial** Fernanda Villas Bôas **Editores de arte** Zu Fernandes (Editora-chefe), Alexandre M Carmo **Tratamento de imagem** Edson Iukawa (Editor), Karina Nomoto e Livia Bergamo **Ilustração** Eugênio Tonon, Ricardo Avancini **Digital** Patrícia Sanches (Editora-chefe), Paulo Paixão (Desenvolvimento), Júlia Dantas (Editora assistente), Lucas Silva (Arte), Carlos Cubas (Analista de Desenvolvimento Pleno) • **Desenvolvimento de Produto** Otávio Mattiazzo Neto (Coordenação) • **Produção/Documentação** Mirian Izabel (Coordenação)

PUBLICIDADE Gerente Celso Rodrigues • **Segmento Alto Consumo e Culinárias: Supervisor** Artur Leis **Executivas de Negócios** Amanda Vieira e Silvia Barbieri **Contato de Publicidade** José Raimundo **Segmento Segmentadas: Supervisor** Marcelo Cervantes **Executiva de Negócios** Danielle Laurenno **Executivo de Contas** André Oliveira e Denise Abe **Contato de Publicidade** Marcio Costa **Mercado Regional: Supervisor** Sergio Duntas (BA) Aura Bahia (71) 3345-5600 (DF) ARMAZÉM DE COMUNICAÇÃO (61) 3321- 3440 (ES) MIX MÍDIA VIX (27) 3026-1083 (PR) LINS COMUNICAÇÃO (41) 3265- 2814 (RJ) PLUS REPRESENTAÇÃO (21) 2240- 9273 (RS) BINOTTO COMUNICAÇÃO (51) 3209-2041 (MG) NS&A (31) 25357333 (SC) ALBARO IAHNIG COMUNICAÇÃO (48) 3204-8316 (INT. SP) PARLARE (16) 3236-0016 **Digital** Jessica Ruffo **Classificados** Joelma Chagas **Marketing Publicitário** Helen Basso, Eduardo Rodrigues e Natalia Otoni **Opec** Walessa Gimenes e Daiane Santos. Fone (11) 3048-2900 **E-mail** publicidade@astral.com.br

MARKETING Gerente Flaviana Castro • **Supervisor** Fabiano Flaminio (Licenciamento e Novos Negócios). Fone: (14) 3235-3878 **E-mail:** marketing@astral.com.br

SERVIÇOS GRÁFICOS Gerente José Antonio Rodrigues • **CIRCULAÇÃO** • **Coordenadores** André Goulart e Lissandra Mahnis **Assistente de Circulação** Carolina Dario **Supervisora** Silvia Vieira

ADMINISTRATIVO/FINANCEIRO Gerente Jason Pereira

BAURU Rua Gustavo Maciel, 19-26, CEP 17012-110, Bauru, SP. **CORRESPONDÊNCIA** Caixa Postal 471, CEP 17001-970, Bauru, SP. Fone (14) 3235-3878, Fax (14) 3235-3879.
SÃO PAULO Alameda Vicente Pinzon, 173, 4º andar - Conjunto 41. CEP 04547-130, Vila Olímpia, São Paulo, SP, Fone/Fax (11) 3048-2900.

ANER **ATENDIMENTO AO LEITOR** ✆ **(14) 3235-3885** De segunda a sexta, das 8h às 18h. **E-mail:** atendimento@astral.com.br **Caixa Postal** 471, CEP 17001-970, Bauru, SP

Loja www.loja.editoraastral.com.br **E-mail loja** lojaonline@astral.com.br

CAPA

PRODUÇÃO GRÁFICA
Vanessa Sueishi

IMAGEM
John Rodgers/Getty Images

TRATAMENTO DE IMAGEM
Edson Iukawa